

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

SÍLVIO JEAN TEIXEIRA DE SOUZA

**SEGREGAÇÃO RACIAL E SOCIOESPACIAL NA CIDADE “BERÇO DA
COLONIZAÇÃO ALEMÃ”**

PICADA CAFÉ

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Souza, Sílvio Jean Teixeira de
SEGREGAÇÃO RACIAL E SOCIOESPACIAL NA CIDADE "BERÇO
DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ" / Sílvio Jean Teixeira de Souza.
-- 2023.
68 f.
Orientador: Dilermando Cattaneo da Silveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandaí,
BR-RS, 2023.

1. segregação. 2. racial. 3. socioespacial. 4.
racismo. 5. São Leopoldo. I. Cattaneo da Silveira,
Dilermando, orient. II. Título.

SÍLVIO JEAN TEIXEIRA DE SOUZA

**SEGREGAÇÃO RACIAL E SOCIOESPACIAL NA CIDADE “BERÇO DA
COLONIZAÇÃO ALEMÃ”**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Dilermando Cattaneo da Silveira

PICADA CAFÉ

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

SÍLVIO JEAN TEIXEIRA DE SOUZA

**SEGREGAÇÃO RACIAL E SOCIOESPACIAL NA CIDADE “BERÇO DA
COLONIZAÇÃO ALEMÃ”**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Geografia,
pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 17 de janeiro de 2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Orientador Dilermando Cattaneo da Silveira

Prof.^a Dr.^a Cláudia Luísa Zeferino Pires

Prof.^a Dr.^a Helena Bonetto

Dedico este trabalho a minha filha Luara e esposa Miriã, que estiveram ao meu lado em tempos perversos, de perdas e dificuldades.

AGRADECIMENTOS

A minha filha Luara, que na maioria do tempo estamos longe e tentamos recuperar aos finais de semana. Saber que por ela luto todos os dias, para dar uma vida melhor que a minha, e possa viver em um mundo que ela não venha a sofrer racismo.

Agradecer a minha esposa Miriã, que deu uma direção em minha vida, em um momento que eu passava por inúmeras dificuldades e interrogações. Pela paciência em entender o quanto tive de estar ausente e impaciente nesses últimos meses, que me ajudou muito nos momentos difíceis e nas duas cirurgias que tive neste período de curso.

Minha mãe Zenaide, que é professora, “passou” esse DNA da docência e acreditou em meus objetivos desde o início, me deu uma educação exemplar, mesmo depois de todas as nossas dificuldades e percalços na vida. Conseguimos superar e alcançarmos a partir da Educação uma ascensão social. Te amo mãe!!!

Minha irmã Hélen e meu cunhado Rafael que sempre cuidaram de mim desde criança como mãe e pai. Acreditaram juntos comigo que eu poderia terminar este curso. Amo vocês.

Ao meu primo/irmão Jairito, meu tio/pai Jairo e minha tia/mãe Suzana pelo amor de filho e irmão. Em momentos difíceis me ofereceram um teto quando eu não tinha para onde ir.

Agradecer minha sogra (brother) Lena por tudo que passamos para estarmos juntos em família, das dificuldades em tempos de perdas, tristezas, mas também de alegrias.

A minha super cunhada Milena pelas aventuras, conversas, memórias afetivas e jantares em lugares importantes do litoral e da serra.

Cunhada Milca por me acolher tão bem, se sentindo orgulhosa em ter um professor na família e tratando a Luara com muito amor e carinho.

Ariane pelas conversas filosóficas e parcerias ao longo dos anos.

A minha tia Neca por toda ajuda, favores, confiança, conversas, risadas, vivências e parcerias de sempre.

Tio Delcio, que é a figura da família e companheiro nas conversas sobre IBGE, Grêmio e churrasco.

Ao meu amigo e irmão Felipe em especial, pela nossa amizade de 30 anos. Das confidências, conversas, dificuldades e alegrias, pois sempre estivemos um ao lado do outro, nos melhores e piores momentos na vida;

Ao João e a Neca, que sempre me trataram com amor de filho desde minha infância e são referências para no que hoje me tornei.

Ao Rômulo, Márcio, Henrique e Ernani, amizades que ultrapassaram a fronteira do trabalho, que me apoiam e me dão força para seguir com meus sonhos.

Agradecer ao meu orientador e amigo Dilermando, pela paciência, as conversas tanto de orientação, quanto informais, de acreditar em meu potencial e ser meu incentivador sempre.

Aos meus professores Baldraia, e principalmente o Dakir, pela amizade e conversas que cultivamos nesses 4 anos de curso. Que aos poucos vamos estreitando laços e vivências;

Aos meus colegas, combatentes de curso, que em muitos momentos convivemos e trabalhamos juntos, com todas as risadas, trabalhos, provas, relatórios e saídas de campo.

Agradecimento aos meus alunos no período de estágio, que me ajudaram a entender como funciona uma sala de aula na íntegra, o quanto precisamos nos moldar a realidade da turma, das pessoas, de toda comunidade e estrutura escolar;

Agradecer a todas as pessoas que diretamente ou indiretamente contribuíram para eu poder terminar essa jornada com êxito, querendo ou não puderam somar na minha formação de docente;

Obrigado a todos e todas por fazerem parte de minha vida, que puderam contribuir com um gesto, uma palavra amiga e de força nos momentos de tensão e dificuldade que tive desde o dia que resolvi fazer o vestibular para o curso de Geografia...

"Quando falamos sobre o que significa ser branco, falamos de política e não de biologia". (Grada Kilomba)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de evidenciar a partir do componente cor/raça, que existe uma segregação dentro dos espaços urbanos, tanto racial quanto socioespacial no município de São Leopoldo, no Rio grande do Sul. A própria São Leopoldo se autointitula como a cidade “berço da colonização alemã” no Brasil e esse título surge em homenagem aos primeiros imigrantes germânicos que chegaram na região onde hoje é o município. A pesquisa do trabalho se desenvolve a partir de um mapeamento da cidade de São Leopoldo por setor censitário, com dados do Censo Demográfico 2010, envolvendo as categorias de cor/raça, demonstrando uma segregação racial, já que os setores censitários de maior proporção de pretos/pardos ficam em bairros periféricos. Ao mesmo tempo o trabalho também evidencia que há uma segregação socioespacial, uma vez que os setores com maior proporção de pretos/pardos também possuem uma maior desigualdade socioespacial, medida com a criação de um índice de segregação a partir da renda, educação e esgoto sanitário. Com os conceitos empregados na fundamentação teórica como raça, racismo, branquitude e invisibilidade, usados para o entendimento de como são estruturadas as relações sociais, políticas e econômicas dentro da sociedade. O trabalho verifica que há uma naturalização da condição dessa segregação, não sendo reduzida somente a questão econômica, mas junto da educação e saneamento. Verificou-se que a população negra está fora das regiões onde os melhores índices, de educação e renda são a regra, já a branquitude segue com seus privilégios, controlando os espaços centrais. Os procedimentos metodológicos foram através de um compilado da coleta de dados e informações em livros, teses, dissertações e documentos históricos da região.

Palavras-chave: segregação racial, segregação socioespacial, racismo, São Leopoldo

ABSTRACT

The goal of this essay is to point out that, considering elements as race/skin color, there is a racial and sociospatial segregation in the city of São Leopoldo, Rio Grande do Sul. São Leopoldo titles itself as the “German colonization birthplace” in Brazil and such title arises as a homage to the first Germanic immigrants to arrive at the place that, nowadays, is the city. The research has been developed through the mapping of each census sector of the city of São Leopoldo, according to the Demographic Census of 2010, encompassing the classifications of race/skin color and thus demonstrating racial segregation, as the sectors with majority of Black and Brown residents are in outskirts neighborhoods. At the same time, the research has also pointed the sociospatial segregation, as the sectors with majority of Black and Brown residents are the ones with a greater sociospatial inequality, measured by an index of income, education, and sanitation. The concepts of race, racism, whiteness, and social invisibility constitute the theoretical foundation to enlighten the social, political and economic structures in such society. The research ascertains the normalization regarding the segregation, not reduced as only a monetary matter, but also education and sanitation. The Black population is secluded from the regions with better income and education indexes, meanwhile whiteness keeps its privileges, ruling the central areas. The methodological procedures were made through data and literature gathering, as much as historical documentation from the region.

Keywords: racial segregation, sociospatial segregation, racism, São Leopoldo.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de São Leopoldo na Região Metropolitana de POA ...	13
Figura 2 - Localização do Município de São Leopoldo no Estado do RS, Brasil	14
Figura 3 - População por sexo e cor no município - São Leopoldo 2017	14
Figura 4 - Casa da Feitoria Velha (anterior a 1941).....	16
Figura 5 - Casa do Imigrante (Museu do Imigrante) 1999	21
Figura 6 - Igreja Matriz 1940.....	22
Figura 7 - Igreja Luterana (Igreja do Relógio) 1920	22
Figura 8 - Monumento em Homenagem ao Centenário da Imigração Alemã 1924	23
Figura 9 - Folder São Leopoldo Fest 2004	25
Figura 10 - Folder São Leopoldo Fest 2022	26
Figura 11 - População Residente por Setor Censitário Urbano	44
Figura 12 - Proporção de Pretos/Pardos por Setor Censitário.....	45
Figura 13 - Mapa Segregação Racial	47
Figura 14 - Proporção de Pessoas Sem Renda Nominal Mensal ou até 1/2 Salário-Mínimo por Setor Censitário	49
Figura 15 - Proporção de Alfabetização por Setor Censitário.....	50
Figura 16 - Mapa de Esgoto a Céu Aberto por Setor Censitário.....	51
Figura 18 - Mapa Índice de Segregação Socioespacial.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Palavras usadas na Alemanha e Colônia Alemã (São Leopoldo)..	20
Tabela 2 - Setores Censitários com maior Proporção Pretos/Pardos.....	46
Tabela 3 - Setores Censitários com menor Proporção Pretos/Pardos	46
Tabela 4 - Setores Censitários com maior Proporção Pretos/Pardos.....	52
Tabela 5 - Setores Censitários com menor Proporção Pretos/Pardos	53
Tabela 6 - Índice Segregação Socioespacial.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RS	Rio Grande do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
RJ	Rio de Janeiro
POA	Porto Alegre
RNM	Renda Nominal Mensal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	CONHECENDO SÃO LEOPOLDO:	12
2.1	DE VILA A MUNICÍPIO	15
2.2	CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE GERMÂNICA.....	18
2.3	SÃO LEOPOLDO FEST	23
2.4	OS NEGROS NA COLÔNIA ALEMÃ	27
3	RACISMO E AS SEGREGAÇÕES	29
4	METODOLOGIA	35
4.1	MAPA DE POPULAÇÃO RESIDENTE	38
4.2	MAPA DA PROPORÇÃO DE PRETOS E PARDOS	38
4.3	MAPA DA PROPORÇÃO DE RNM DE ATÉ ½ SALÁRIO-MÍNIMO OU SEM RENDA	39
4.4	MAPA DA PROPORÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO.....	41
4.5	MAPA ESGOTO A CÉU ABERTO	42
5	SEGREGAÇÃO RACIAL E SOCIOESPACIAL	43
5.1	ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR COR OU RAÇA	43
5.2	ANÁLISE DA CORRELAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO POR COR/RAÇA.....	45
5.3	ANÁLISE DE DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL	48
5.4	ÍNDICE DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL.....	53
5.4.1	Classe de Valor da Proporção (%) de RNM de até meio salário- mínimo ou sem renda.....	54
5.4.2	Classe de Valor Proporção (%) de Alfabetização	55
5.4.3	Classe de Valor de Esgoto a céu aberto.....	55
5.5	CORRELAÇÃO DA SEGREGAÇÃO RACIAL COM ÍNDICE DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL.....	56
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
7	REFERÊNCIAS	63

1 INTRODUÇÃO

Fala-se brevemente na introdução sobre alguns conceitos, para aos poucos avançar na pesquisa e entender a construção da problematização. Iniciando de como o racismo está introduzido na sociedade desde o início da colonização e que para Almeida (2019, p.55) “por ser um processo estrutural, o racismo é também processo histórico. Desse modo, não se pode compreender o racismo apenas como derivação automática dos sistemas econômico e político”. O racismo ocorre a partir de uma série de explicações e acontecimentos ao longo da história do mundo. “Racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não de um fenômeno patológico¹ ou que expressa algum tipo de anormalidade” (ALMEIDA, 2019, p.16). Ele se solidifica a partir da chegada destes seres humanos, que foram sequestrados, separados de suas famílias, cruzando o Atlântico, forçados há uma escravização e todos os tipos de crueldades possíveis.

As profundas raízes, ligadas ao papel social dos negros, foram estruturadas ao longo dos anos na sociedade brasileira e tem como explicação a escravização institucional, que para Nascimento (2016) começou na descoberta do Brasil pelos desbravadores (genocidas) europeus, que durante os 388 anos fez milhares de vítimas, possuindo o total apoio e legalidade por parte do Estado. Esse povo vem sendo excluído, devido ao racismo estrutural, diminuída suas oportunidades de ascensão-social pela cor de sua pele.

Sobre a relação entre escravização e racismo estrutural, Almeida (2019, p.183) afirma que:

[...] o racismo decorre de marcas deixadas pela escravidão e pelo colonialismo. Conforme este raciocínio, as sociedades contemporâneas, mesmo após o fim oficial dos regimes escravistas, permaneceram presas a padrões mentais e institucionais escravocratas, ou seja, racistas, autoritários e violentos. Dessa forma, o racismo seria uma espécie de resquício da escravidão [...]

¹ Patológico no sentido que se desenvolve como uma doença

Em razão desta estrutura social forjada e moldada no racismo, observa-se que os espaços majoritariamente ocupados pela população negra, nas grandes e pequenas cidades, ainda são espaços precários e periféricos em sua maioria. Santos (2015, p.144) sintetiza esta situação muito bem quando relata:

Existem, portanto, geo-grafias do racismo e das relações raciais: o racismo, ao definir clivagens sociais e hierarquizar indivíduos e grupos a partir de seus pertencimentos raciais, se expressará na constituição de “lugares” (nos sentidos espacial e social) onde a presença dos desfavorecidos será majoritária (lugares de pobreza, da desposseção, da subalternidade) e lugares onde a sua presença será minoritária (lugares de riqueza, do poder, do saber socialmente legitimado etc.)

O autor Campos diz em seu livro “Do Quilombo a Favela: A produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro” (2010), que a própria Lei de Terras, de 1850, foi pensada e estruturada para haver uma exclusão econômica, dificultando a formação de uma classe de melhor status com uma etnia² não branca, e que espacialmente essa exclusão econômica, acabou se tornando uma condição de marginalização, a partir de uma fragmentação do uso do solo urbano. Esse horizonte de uma possível abolição da escravização, já alertava os colonizadores para elaboração de leis contra o negro no sentido de mantê-los miseráveis e dominados.

A territorialidade do povo negro durante o período pós abolição, nas décadas finais do século XIX até a contemporaneidade, segue por ser um fator de resistência a todos os tipos de segregações raciais e sociais, atingindo todas as esferas da sociedade. Ainda em consonância, Gomes e Mello (2021) reforçam que essa submissão forçada desde à época da escravização, hierarquizou a população não negra acima da negra, que procurou uma afirmação territorial de acordo com as organizações territoriais da elite, através de espaços físicos e culturais. Tendo em vista e a partir dessa estratificação Nascimento (2016, p. 101) explicita:

Se os negros vivem nas favelas porque não possuem meios para alugar ou comprar residência nas áreas habitáveis, por sua vez a falta de dinheiro resulta da discriminação no emprego. Se a falta de emprego é por causa de carência de preparo técnico e de instrução adequada, a falta desta aptidão se deve à ausência de recurso financeiro. Nesta teia, o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação – no emprego, na escola – e trancadas as oportunidades que lhe permitiriam melhorar suas condições de vida, sua moradia, inclusive.

² “Refere-se ao âmbito cultural; um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhanças genéticas” (SANTOS, 2010, p.124). Ver mais em: <https://www.scielo.br/j/dpjo/a/cpSn3rmDvrkMNTHj7bsPxgh/?format=pdf&lang=pt>

Para total invisibilidade desse grupo étnico os conjuntos habitacionais, famosas COHABS, foram implementadas longe dos centros urbanos, com baixa infraestrutura e de redes, como uma política metropolitana (GOMES; MELLO, 2021), estruturando um espaço majoritariamente de pessoas com uma renda baixa e de cor escura. Esse estigma se reproduz na negatização e desvalorização deste grupo étnico racial, principalmente no Sul do Brasil.

No Rio Grande do Sul existe uma construção de identidade, formada sobre o mito do gaúcho, como reforça Oliven (1996, p.25) de que “a construção dessa identidade tende a exaltar a figura do gaúcho em detrimento dos descendentes dos colonos alemães e italianos, ela o faz de modo mais excludente ainda em relação ao negro e índio”.

Em uma região que se orgulha de ser nomeada como o “berço da colonização alemã”, O dia 25 de julho de 1824 marca a chegada dos primeiros imigrantes alemães³ à Província de São Pedro do Rio Grande, atualmente Estado do Rio Grande do Sul, e a fundação da Colônia de São Leopoldo (hoje município). Weber e Kunz (2013) relatam que a partir de 1924, com a comemoração do centenário da imigração, essa data passou a ser vivenciada como ocasião festiva, evidenciando o momento ápice de expressão da germanicidade⁴ e da construção da identidade local.

Na cidade coexistem pessoas da pele negra, que estão segregadas e invisibilizadas, principalmente nos espaços periféricos da cidade, pois Leite (1996, p. 41) traz na sua percepção que “a invisibilidade do negro, é um dos suportes da ideologia⁵ do branqueamento, podendo ser identificada em diferentes tipos de práticas e representações”.

Na compreensão destes fenômenos, que estão latentes e impregnados desde o início da colonização do território brasileiro e que continuam em tempos contemporâneos de forma velada, a branquitude⁶ age com um sistema de dominação sobre os

³ Em 1824 a Alemanha era um conjunto de reinos e ducados em sua maioria sobre o domínio da Áustria e Prússia. Para saber mais acessar: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/unificacao-alema>.

⁴ Utilizado para mencionar aspectos que se referem a características vinculadas à Alemanha.

⁵ Doutrina na semântica de um conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas.

⁶ Branquitude será usada no sentido de uma hierarquização, privilégios e dominância frente à raça negra. Para saber mais ver em BENTO, Maria Aparecida da Silva Branqueamento e Branquitude no Brasil In: Psicologia Social do Racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

negros, sendo de vital importância para a sociedade entender o porquê desta permanente invisibilidade. Por que as pessoas com a pele mais escura ocupam estes espaços invisíveis ao resto da sociedade? Nesse processo de invisibilidade do negro Leite (1996, p. 40) afirma:

Na literatura científica o negro é invisibilizado, seja porque não intencionam revelar a efetiva contribuição destes, seja porque os textos vão se deter na sua ausência, na reafirmação de uma suposta inexpressividade. Seus efeitos podem ser observados nas práticas políticas atuais: os argumentos da insignificância numérica do negro no Sul causam impacto ou imobilizam até os militantes da causa negra (Leite, 1996, p.40)

Se transformando em um sistema cada vez mais opressor, principalmente na região sul do país, que adora enaltecer, vender e comercializar essa imagem de “Europa brasileira”, sendo rotulada como algo imponente e importante para o restante do país. Desse cenário vendido no Brasil Rosa (2014, p.1) conclui:

Retratado dessa forma, o Rio Grande do Sul – Europeu, frio e distante -- surge e ressurge sempre como um forte contraponto à imagem de um Brasil tropical e mestiço. Conclusão: se não existem negros no Sul, como poderia haver racismo? Não é difícil perceber que a referida combinação entre clima frio e imigração europeia acabam atuando, ainda hoje, de acordo com a velha ideologia de branqueamento ancorada na ideia de formar uma Europa nos trópicos.

Rosa (2014) ainda verbaliza que as raízes e o orgulho de ser uma colônia de imigrantes europeus, a vida social e econômica dos menos favorecidos, muitas vezes é invisibilizada, tanto pela população não negra, quanto pelos governantes que ditam as leis da cidade, demonstrando que “o projeto de nação do Estado Brasileiro não incluía uma população negra ou predominantemente negra, pois este fato era encarado como sendo um problema para o desenvolvimento do país” (BONETTO, 2018, p. 40).

O interesse pela problemática vem bem antes de começar a pesquisar para o trabalho de conclusão. Desde quando o autor leu seu primeiro livro relacionado ao assunto, *Do Quilombo a Favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro* de Andreilino Campos (2010), ficou curioso sobre o título. A partir da leitura começou a entender todo o processo e as inúmeras consequências que a escravização forçada, o racismo e conseqüentemente as segregações perpetuam na população negra. Como que a população negra ocupa os piores espaços na cidade? Por que são mais pobres? Por que não fazem parte das bancadas de grupos da política e dos

lugares de decisão? Começou a se questionar sobre todo o sistema e aos poucos modificando e aprimorando o entendimento sobre o racismo estrutural com suas diversas consequências.

O fato de vir de uma família miscigenada, com esposa e filha negras, com inúmeras vivências e experiências empíricas com o próprio carnaval da capital e o samba dentro da cidade, traz todo um contexto de uma formação como sujeito e de uma pesquisa em dedicação ao povo negro, para as pessoas que são parte de sua vida e possuem laços de afetividade. Metalúrgico desde os 17 anos, sabe bem o que é “bater cartão” às 6 horas da manhã, representando grande parte da população brasileira que almejam oportunidades iguais, e através da Educação uma ascensão social.

A relevância da pesquisa demonstra que população negra é presente na cidade “berço da colonização alemã”, sofre com uma segregação racial, mas também socioespacial. Tratou-se de desmistificar que o município de São Leopoldo é exclusivamente germânico, como a mão de obra e esforço do negro ergueu e construiu uma cidade. Foi ilustrada a partir de uma produção cartográfica, com dados do Censo IBGE 2010 e de um índice de segregação, quais os espaços que a população negra ocupa e quais suas condições em termos de educação, renda e saneamento. Elucidando que o racismo estrutura as relações da sociedade.

Neste primeiro capítulo de introdução, é demonstrado o quanto racismo é o “normal” e estruturador da sociedade, delimitando os espaços dentro dela, usando esses mecanismos para o privilégio de um grupo. No próximo capítulo é conhecida São Leopoldo, sua história e como foi feito o processo para inserir e intitular uma forçada identidade alemã na cidade, diminuindo a importância e a situação do negro desde a colônia alemã até hoje. O capítulo três traz as bases teóricas, do racismo, da branquitude, os mitos da democracia racial e meritocracia, com seus vários mecanismos de segregação e dominação arquitetados. Capítulo quatro a metodologia usada com os dados e variáveis do Censo 2010 do IBGE e os cálculos para chegarmos ao produto cartográfico das segregações. No capítulo cinco é apresentado e analisado a distribuição e correlação da população por cor/raça dentro da cidade de São Leopoldo, juntamente com a criação do índice de segregação socioespacial. No último capítulo as considerações finais sobre a pesquisa, sua importância e potencialidades dentro do âmbito da pesquisa acadêmica e políticas públicas do cenário atual.

2 CONHECENDO SÃO LEOPOLDO:

O município de São Leopoldo está localizado no Vale do Rio do Sinos, é cortado pelas rodovias BR 116 e RS 240. Faz parte da região metropolitana de Porto Alegre, a 31,4 km da capital gaúcha no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Considerado e conhecido na região como o “berço da colonização alemã”.

O município de São Leopoldo conta com uma população estimada (2021) de 240.378 habitantes, com um crescimento anual de sua população (2000 – 2010) de 1,01%. Possui uma área de 103.009 km² (2021) e densidade demográfica (2010) de 2.083,82 hab./km², com média de moradores em domicílios particulares ocupados (pessoas) de 2,99.

A alfabetização de pessoas com 5 anos ou mais de idade alcança 94,54% (2019), já a taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais de idade 3,17% (2010). Sua população ocupada é de 28,2% (2020), com salário mensal dos trabalhadores formais (2020) de 3,1 salários, alcançando um PIB (2019) de 10.12 bilhões e um PIB per capita (2019) de R\$42.740,23.

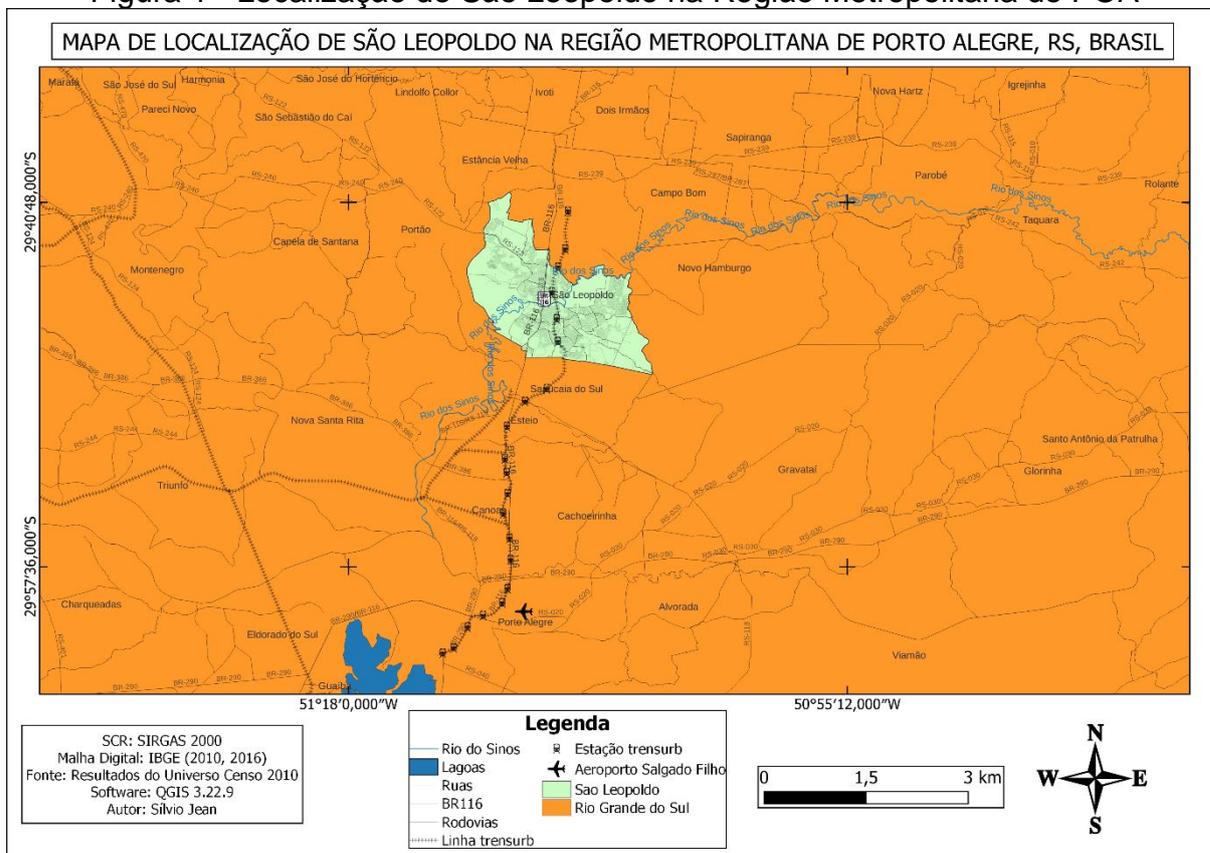
A população de São Leopoldo é composta (2017) por 48,69% homens e 50,31% de mulheres dos quais 86,06% são brancos e 13,56% negros. A expectativa de Vida ao Nascer (2010) 76,65 anos e a mortalidade Infantil (2020) 6,86 por mil nascidos vivos;

Sua população é denominada como leopoldense⁷, possuindo até hoje sua arquitetura em estilo enxaimel (arquitetura germânica) na principal rua do centro da cidade. Esse município tem uma narrativa de orgulho em evidenciar sua cultura germânica⁸ sendo vizinho de outros municípios que também foram colonizados por imigrantes europeus, fazendo divisa com Novo Hamburgo, Sapucaia, Estância Velha e Portão. Abaixo a figura 1, mostra a localização de São Leopoldo na região Metropolitana de Porto Alegre (capital), e após ela a figura 2 mostra a localização no continente e no Estado do RS.

⁷ Gentílico de quem é natural de São Leopoldo

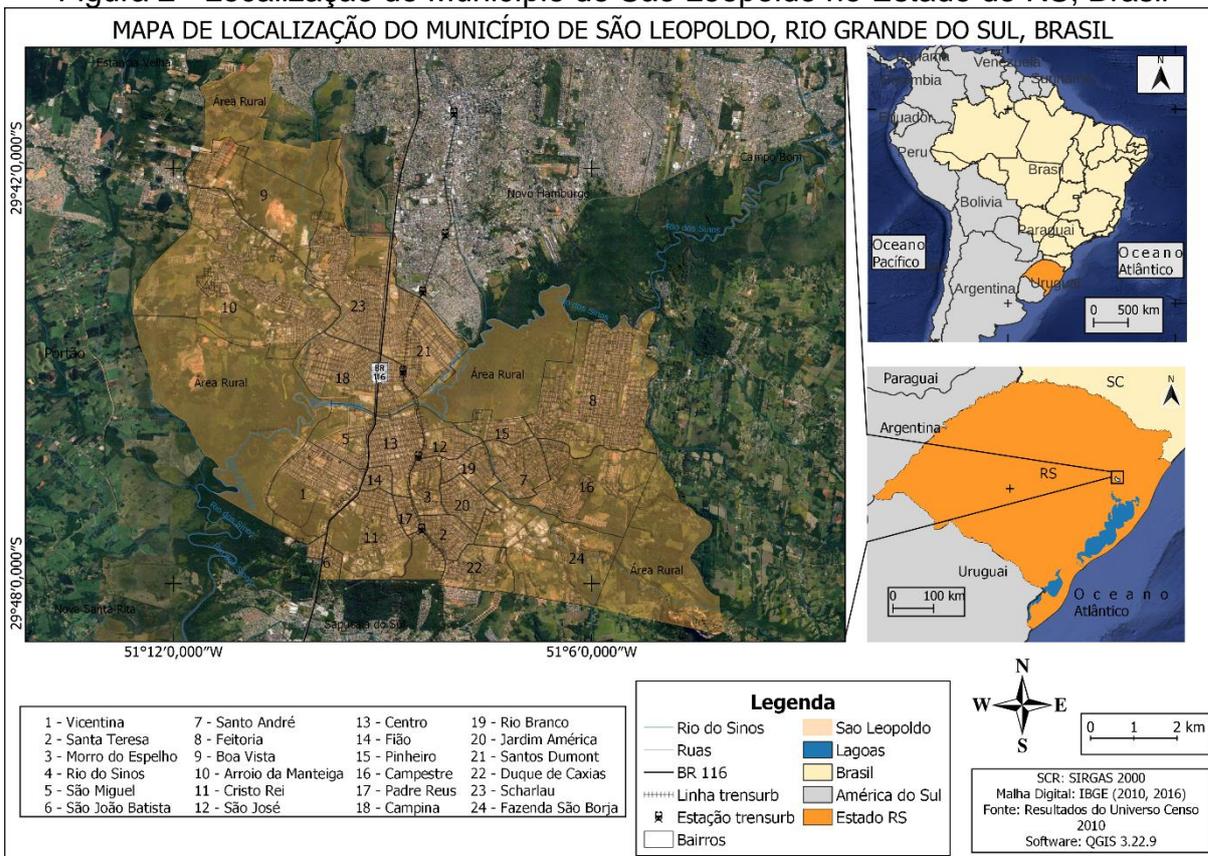
⁸Disponível em: <https://www.camarasaoleopoldo.rs.gov.br/index.php/noticias/?sec=noticia&id=13021>
Acesso em: 18 maio, 2022.

Figura 1 - Localização de São Leopoldo na Região Metropolitana de POA



Fonte: Autor com base em Censo IBGE (2010)

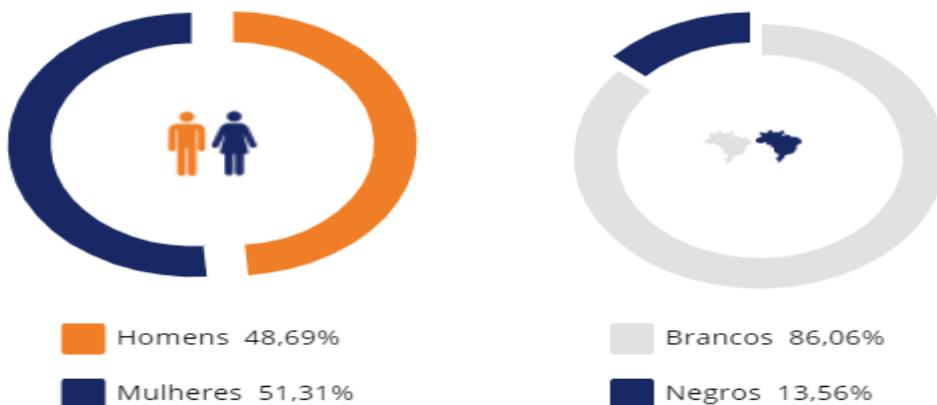
Figura 2 - Localização do Município de São Leopoldo no Estado do RS, Brasil



Fonte: Autor com base em Censo IBGE (2010)

Demonstrando de como a população de São Leopoldo está composta por cor e sexo, em sua maioria por mulheres e brancos, evidenciado no gráfico abaixo (figura 3).

Figura 3 - População por sexo e cor no município - São Leopoldo 2017



Fonte: <http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/431870#sec-demografia> , adaptado pelo autor.

2.1 DE VILA A MUNICÍPIO

Antes da primeira leva de imigrantes alemães (germânicos) chegarem pelas águas do Rio do Sinos, para dar início ao plano do governo imperial de colonizar a região onde hoje é o município de São Leopoldo, ela já era ocupada pelos descendentes de portugueses, africanos e dos povos originários da região (SAVIANI, 2008), trabalhando em fazendas e na produção de alimentos. Em 1788, foi fundada a Real Feitoria do Linho Cânhamo, perto de onde hoje é o bairro Feitoria, que tem justamente esse nome, por ser onde abrigava os escravizados. Neste local o feitor elaborava suas crueldades a favor do Império e todo sistema de relação constituída entre ele e escravizado.

A Feitoria foi um estabelecimento do governo, fazendo-se na região que cultivava o cânhamo⁹ para uso de suas fibras, sendo industrializadas e transformadas em cordas para navios (SAVIANI, 2008). Como aponta Nunes (2009), a mão de obra na produção das cordas era exclusiva de indígenas e negros escravizados e toda essa produção era transferida pelas águas do Rio do Sinos até a capital Porto Alegre, que foi a primeira via econômica da região da Feitoria.

Havia em torno de 321 africanos escravizados responsáveis pelo trabalho de força motriz nas fazendas (ALLGAYER, 2005), mas pouco tempo depois o não desenvolvimento da produção na região, acabou por remanejar os escravizados em outras fazendas do governo, encerrando as atividades em 31 de março de 1824. Uma das estratégias e das políticas do governo, entretanto, dessa transferência do encerramento das atividades, se dá, pelo fato da política de branqueamento da população através do sistema de imigração dos europeus para região e conseqüentemente a invisibilidade do negro na formação da região e do Estado do Rio Grande do Sul.

Abaixo na figura 4, a Casa da Feitoria Velha que foi fabricada e abrigou os escravizados até o fim das atividades na região, acabou por abrigar os primeiros imigrantes germânicos antes de receberem seus lotes de terra em 1824.

⁹ Fibra da cannabis para fabricar, cordas, tecidos e papel. Ver mais em: <https://hempmedsbr.com/a-historia-do-canhamo-hemp-meds-brasil#:~:text=O%20cultivo%20da%20planta%20era,co-mum%20por%20todo%20o%20globo>. Acesso em: 17 de agosto de 2022

Figura 4 - Casa da Feitoria Velha (anterior a 1941)



Fonte: Jornal Zero Hora

Sobre o não desenvolvimento da produção da região Nunes (2009, p.159) relata:

É preciso considerar que alguns autores, ao ressaltarem o fracasso da Feitoria, justificam a destinação das terras para o propósito da imigração alemã. Esse entendimento alimenta a memória da imigração alemã associada ao mito do progresso, pois os outros grupos étnico-raciais, especialmente índios, negros, açorianos e luso-brasileiros aparecem como agentes de experiências fracassadas na região.

Bakos (1982) afirma que desde 1812 já se tinha experimentos com o povoamento de imigrantes europeus nas regiões de Rio de Janeiro, Bahia e Espírito Santo. Müller (2005) ainda ressalta que no Rio grande do Sul os germânicos contratados pelo governo imperial, viam a oportunidade de novos horizontes em uma promessa de ter sua própria terra e deixar para traz o rastro de destruição da Guerra Napoleônica. O que poucos autores revelam é que os imigrantes europeus ingressaram a partir de um sistema de cotas no território americano.

Segundo documentos oficiais os imigrantes foram cotistas¹⁰, pois receberam subsídios e toda uma estrutura para seu desenvolvimento. Todas as famílias dos imigrantes europeus receberam lotes de até 77 hectares, cavalos, sementes e ferramentas (SAVIANI, 2008). A Alemanha até então não era unificada e foi somente em 1871 sua oficialização, através de Bismarck.

Essa primeira leva de imigrantes germânicos chegou na capital da Província de São Pedro do Rio Grande, que já era Porto Alegre, datado em 18 de julho de 1824 e logo após a chegada dos imigrantes em Porto Alegre, foram imediatamente enviados para a Feitoria do Linho Cânhamo, pelas águas do Rio do Sinos. A partir da intenção do Império em mascarar a real intenção para um novo povoamento da região, Tramontini (2000) fala que havia a estratégia de branqueamento da população na substituição do trabalho escravizado, o racismo vinha constituindo as relações nas decisões dessa substituição da população negra.

Na data de 25 de julho de 1824, esses primeiros imigrantes aportam na região, onde hoje é o bairro Centro de São Leopoldo, no total de 39 pessoas, trazendo na embarcação alguns luteranos e católicos. Na época se tinha uma única instalação que podia abrigá-los, a Casa da Feitoria¹¹ e ficaram abrigados na casa até receberem seus lotes de terra. O local então foi batizado pelo Governo da Província de “Colônia Alemã de São Leopoldo”, em homenagem ao santo padroeiro da Imperatriz Leopoldina. Estendida por mais de mil quilômetros quadrados, a colônia abrangia regiões onde hoje é Caxias do Sul, São Sebastião do Caí e Taquara.

A Colônia Alemã foi elevada para categoria de Vila a partir de sua emancipação de Porto Alegre, em 01 de abril de 1846, com o desenvolvimento da região agora ocupada nos vales do Rio do Sinos, Caí e Paranhama. Já em 12 de abril de 1864 foi elevada à categoria de cidade. Segundo documentos oficiais e site da Prefeitura do próprio município, a evolução e progresso da região se deu pela dedicação e a diversificação das atividades dos imigrantes, mas o que não é evidenciado em muitos documentos, sites, e bibliografias, é que antes já havia os povos originários e africanos, em frente a uma escravização forçada, desenvolvendo inúmeras atividades

¹⁰ Ver em: <https://www.geledes.org.br/os-cotistas-desagradecidos/>. Acesso em: 18 de agosto de 2022

¹¹ Conhecida hoje como a Casa do Imigrante. Ver mais em: https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/?titulo=Turismo&template=conteudo&categoria=464&codigoCategoria=464&idConteudo=2990&tipoConteudo=INCLUDE_MOSTRA_CONTEUDO. Acesso em: 17 de agosto de 2022

e trabalhos em frente ao sistema econômico que a região tinha na época (NUNES, 2009).

Posteriormente sua emancipação e desenvolvimento, houve em 1873 a construção da ponte sobre o Rio do Sinos, com sua linha férrea inaugurada um ano após, podendo então ligar Porto Alegre até São Leopoldo. A seguir foi ampliada a Novo Hamburgo, Taquara e Canela. São Leopoldo com seu desenvolvimento alcançou status de zona comercial entre as colônias mais distantes até a capital.

Como resultado, esse plano de colonização germânica na tentativa de o império colocar uma identidade europeia, deixou sua marca em muitas áreas de São Leopoldo, como arquitetura, tradições, educação, religião e costumes (MÜLLER, 2005). Também pode ser visto nas sociedades de canto, na ginástica, nas piscinas, clubes de caça e tiro, instituições de ensino religiosas, gastronomia e em várias festas populares conhecidas como os Kerbs¹² e Oktobers, hoje em dia muito populares.

O aniversário da cidade em 25 de julho se tornou uma espécie de homenagem, um feriado municipal. Há festejos e comemorações nesta data, buscando um resgate nas memórias e contribuições na formação da cidade, porém exclusivas do povo germânico, não referenciando os vários povos que ajudaram a forjar e estruturar a cidade. Há a Lei 12.394/2011¹³ concedendo o título a São Leopoldo de “Berço da Colonização Alemã no Brasil”, sancionada pela então Presidenta da República, na época Dilma Rouseff.

2.2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE GERMÂNICA

A busca do governo por implementar uma identidade europeia da antiga Colônia Alemã, hoje município de São Leopoldo, se dá ao fato do início da colonização de terras da região da metade norte do Estado. Inúmeros imigrantes vindos de várias partes do território germânico acabaram por desembarcar pelas águas do Rio do Sinos. A maioria das bibliografias e textos não relatam a contribuição de outros povos

¹² Uma festa de inauguração de igreja, representando uma confraternização

¹³ Para saber mais acessar: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12394.htm

na construção da região do Estado do RS, como os africanos e açorianos, tornando-os invisíveis nas construções simbólicas e físicas. Os poucos relatos são de escravizados participarem com sua mão de obra em fazendas estatais da Província Imperial, que para Bakos (1982) “o desinteresse dos órgãos governamentais, ao longo da história, no sentido de coletar e organizar dados, é responsável pela dificuldade em estabelecer-se uma estatística completa sobre a presença e o tratamento reservado à população negra no Rio Grande do Sul”.

Em Müller (2005), seu livro sobre a imigração e colonização da região de São Leopoldo, os alemães em 1824, trazem elementos culturais que acabam por mudar e moldar a região do Vale do Sinos, com a criação de escolas, sociedades de Caça e Tiro, de Canto, Ginástica e hábitos alimentares. Os Kerbs e algumas tradições como o ninho de Páscoa e a árvore de Natal, também são evidenciadas em sua obra. Müller (2005) ainda menciona que elementos econômicos como agricultura e artesanato foram a pavimentação para então o desenvolvimento da manufatura, industrialização, sendo citados exclusivamente como pioneirismo dos imigrantes, mas na região os negros produziam a farinha de mandioca e criação de gado de corte, trazendo riqueza para os fazendeiros e para região (ALLGAYER, 2005).

A cultura da região de São Leopoldo emergiu muito através da língua falada em Hunsrück¹⁴ (região da antiga Prússia), sendo o dialeto que deu origem a língua hunsrik, falada nas regiões colonizadas pelos germânicos no Estado do RS. Foi mantida uma parte da originalidade do dialeto, na observação do historiador Hansheinz Keller em uma de suas visitas pela extinta Colônia Alemã (MÜLLER, 2005). Várias palavras mantinham a mesma estrutura, como aparece abaixo na tabela 1.

¹⁴ Para saber mais acessar: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-prussia/>

Tabela 1 - Palavras usadas na Alemanha e Colônia Alemã (São Leopoldo)

Hunsrück	Alemão	Português
Amschel	Amsel	sabiá
Baal	Ball	baile
Bieneschwarm	Bienenschwarm	enxame de abelhas
Bloose	Blasen	assoprar

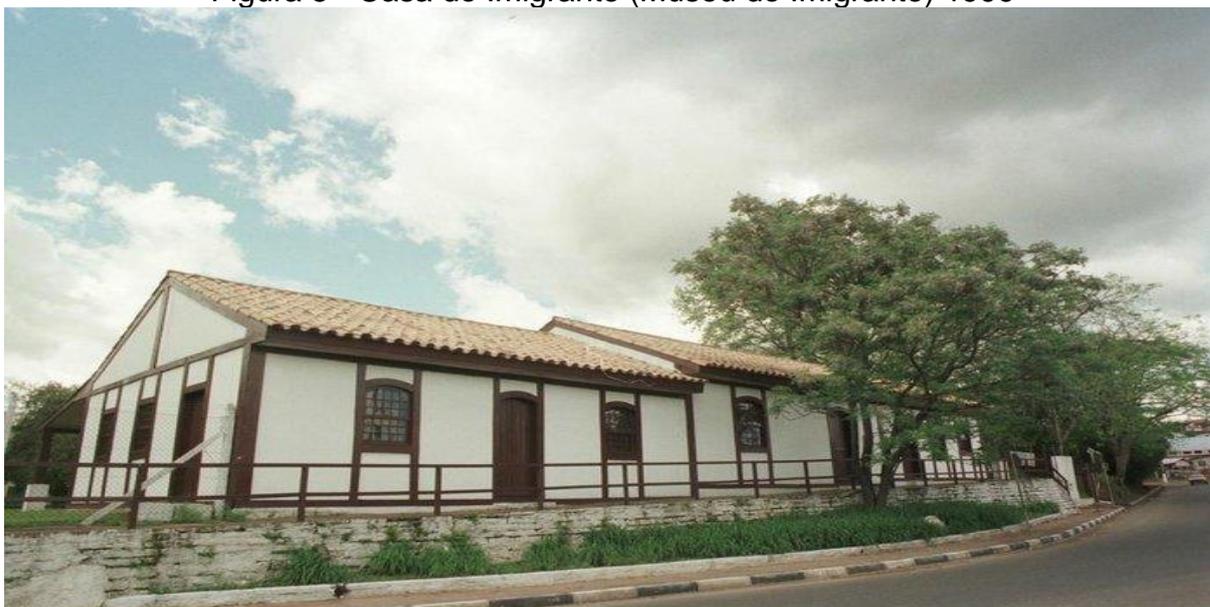
Fonte: Müller (2005), adaptado pelo autor

Como o próprio site da Prefeitura de São Leopoldo, livros e o museu da cidade, titulado como Visconde de São Leopoldo, a estratégia é explicitar e demonstrar que o município se construiu apenas pelas mãos dos imigrantes germânicos, que deles veio toda a riqueza e prosperidade dos negócios e comércio, construindo uma terra de oportunidades e desenvolvimento poucos anos depois de sua fundação. E Bento (2022, p.21) expõe que “o escravizado foi o motor da economia, da metrópole e da colônia”.

O próprio mês de julho, aniversário da cidade, isso se torna ainda mais evidenciado. Todo município fica voltado para cultura alemã, através da São Leopoldo Fest, que será mencionada mais adiante. “Os alemães se difundiram pelo território e entre a população brasileira, marcando fortemente determinadas áreas e influenciando outras” (GREGORY, 2013, p.21) e a grande política de evidenciar apenas o imigrante europeu tendeu por aumentar a imposição da identidade germânica em determinadas regiões, além de redes de igrejas luteranas marcando presença em lugares estratégicos. “Portanto, pode-se afirmar que a invisibilidade do trabalho escravo serviu para legitimar as narrativas que associaram estas regiões às imagens do progresso e da civilização” (NUNES, 2009, p. 161), aumentando e glorificando o status de vencedor do imigrante europeu na região.

A própria Casa da Feitoria Velha, abaixo na figura 5, notam-se alterações nas características arquitetônicas para elementos da arquitetura germânica, em relação a sua antiga estrutura na figura 4 (p.16) em mais uma estratégia de construir e perpetuar a identidade germânica. Hoje a casa funciona como o Museu do Imigrante.

Figura 5 - Casa do Imigrante (Museu do Imigrante) 1999



Fonte: Zero Hora

Com a imigração e os lotes de terras subsidiados pelo governo, Müller (2005) afirma que a agricultura foi acentuada e junto do artesanato começou a movimentar a indústria no Vale do Sinos, isso para os defensores dessa história, fundada somente na saga, coragem e trabalho do imigrante europeu. Nunes (2009, p.160) informa “que mesmo antes da industrialização, ainda no século XIX, a edificação dessas cidades contou com a força do trabalho escravizado, contrariando a afirmação de parte da historiografia que exclui ou diminui a importância da escravidão nas regiões de colonização alemã”.

A gastronomia germânica se popularizou com a *schmier*¹⁵ e outros pratos tradicionais, tanto quanto a fundação de uma escola no ano de 1826 e das sociedades, auxiliando na concretização da estratégia imperial. Os imigrantes católicos construíram sua primeira igreja em 1828 (figura 6) e os luteranos apenas em 1911 (figura 7).

¹⁵ Geleia de fruta

Figura 6 - Igreja Matriz 1940



Fonte: Museu Visconde de São Leopoldo

Figura 7 - Igreja Luterana (Igreja do Relógio) 1920



Fonte: Museu Visconde de São Leopoldo

Além das igrejas configurando o processo da imposição de religiões na região, em 1924 já havia uma homenagem na cidade na construção de um monumento pelo centenário da imigração em São Leopoldo, demonstrado abaixo na figura 8.

Figura 8 - Monumento em Homenagem ao Centenário da Imigração Alemã 1924



Fonte: Autor

2.3 SÃO LEOPOLDO FEST

Nas décadas de 1920 e 1930, a São Leopoldo Fest era chamada de Dia do Colono, que a partir de 1956 passou para Dia do Imigrante, perdendo força e referência a expressão colono (WEBER, 2015). A partir do ano de 1991, começa a ser chamado de São Leopoldo Fest. Com todo impulso destas festas municipais pelo país, essa modalidade de turismo econômico tornou as festas germânicas em um atrativo com relevância econômica (FLORES, 1997).

A São Leopoldo Fest é realizada durante o mês de julho, precisamente com o fim da festa no dia 25, aniversário da cidade, mas sempre foi marcada por uma grande apropriação cultural do povo imigrante germânico, que para Weber e Kunzer (2013, p. 85):

“O dia 25 de julho de 1824 marca a chegada da primeira leva de imigrantes alemães à Província de São Pedro do Rio Grande (Rio Grande do Sul) e a fundação da Colônia de São Leopoldo (hoje município). A partir de 1924, com

a comemoração do centenário da imigração, a data passou a ser vivenciada como ocasião festiva, momento ápice de expressão de germanicidade e da construção da identidade local”.

É evidente estes limites étnicos, na passagem da data, nos discursos e nos próprios festejos (WEBER, 2015). A data está restritamente ligada ao imigrante e não a uma festa da cidade, apesar de alguns anos mais recentes haver algumas atrações para representar a população não branca. Nesse ápice de orgulho cultural germânico, os discursos fervorosos e declarações dos descendentes de imigrantes, são fortemente multiplicados entre os mais empolgados. Como no livro de Telmo Müller (2005), que ele registra sobre a festa da cidade e toda a preparação dos festejos.

É óbvio que a São Leopoldo Fest foi o ponto culminante. O programa do 25 de julho levou para as margens do histórico Rio do Sinos milhares de pessoas. E, nesse dia, houve em todo Rio Grande do Sul, um momento que, certamente mexeu com os gaúchos: foi o hasteamento da bandeira alemã, ao lado da brasileira, em todos os municípios. Essa bandeira foi oferecida pelo Consulado Geral da República da Alemanha de Porto Alegre. Posso até imaginar que em algum município que não teve imigrantes alemães essa bandeira causou algumas perguntas. (MÜLLER, 2005, p.196)

O próprio termo “fest” é de origem alemã conforme (Weber e Kunz, 2013), restringindo uma representação da totalidade de étnica racial da cidade. Em uma das visitas ao Museu Visconde de São Leopoldo, ao entrar em debate o porquê de a festa da cidade ser algo para os imigrantes, a resposta recebida foi que: “só aqui eles ficam com essas coisas, não vejo em outras cidades as pessoas falando isso”. O fato de reivindicar a importância e representação de toda uma cidade, parece incomodar um pouco de quem vive em uma bolha de privilégios.

Salientando um pouco mais sobre as festas étnicas e o discurso de progresso, Nunes (2009, p.171) afirma:

[...] da celebração das festas étnicas revitalizam-se as narrativas sobre os ideais do progresso e da civilização, que persistem como “patrimônio simbólico” da presença do imigrante, à revelia de outros grupos étnicos que passaram a atuar de forma permanente nestes cenários. Os índios, os descendentes de africanos, espanhóis, portugueses, poloneses e outros grupos étnico-raciais tornam-se quase invisíveis diante da força mítica que narra a *saga* da construção destas cidades sob o “braço desbravador do imigrante”.

Abaixo (figura 9), é o folder da São Leopoldo Fest nas comemorações dos 180 anos da imigração alemã em 2004. A imagem traz a “Rainha” da festa com características germânicas, devidamente com trajes típicos de alemães, sintetizando e trazendo o padrão estético aceito até hoje em regiões como São Leopoldo.

Figura 9 - Folder São Leopoldo Fest 2004



São Leopoldo
Fest

A maior festa dos últimos 180 anos

6ª EXPOSINOS

De 9 a 25 de julho de 2004

• Local: Largo Rui Porto - São Leopoldo •
Restaurantes Típicos • Café Colonial • Danças Folclóricas • Bandinhas
Shows • Apresentações Artísticas e muito, mas muito chopp.

A Rainha da São Leopoldo Fest 2004, Elisa Storck,
trouxe mais de 200.000 pessoas para a festa.

Fonte: Müller (2005)

No folder deste ano de 2022 algumas coisas mudaram e a miscigenação da festa é uma tentativa de representação dos outros grupos étnicos raciais. Na ideia de

Carneiro (2011), que para excluir algumas possíveis acusações de racismo e um provável respeito em alguns comerciais, basta colocar um negro no meio das pessoas brancas. A figura 10 demonstra exatamente essa lógica de tentar ludibriar esse perfil das propagandas comerciais, mantendo o discurso de que existe uma democracia racial.

Figura 10 - Folder São Leopoldo Fest 2022



Fonte: Autor

A cidade continua por entender que o discurso de uma identidade germânica é mais atrativo para colocar na mídia do país, tratando com a visão que nosso Estado é rotulado a ser uma Europa brasileira. Diz Weber (2015) que para prevalecer a etnia alemã, o governo do município ratifica a genuinidade da fala que a impõe. Com uma melhor observação e um pouco de exercício de lembrança, é possível notar que ao centro do folder tem uma pessoa¹⁶ que esteve ligada a um ato de racismo alguns meses atrás.

¹⁶ Para saber mais acessar: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2022/10/05/luisa-sonza-pede-desculpa-para-mulher-negra-que-ela-confundiu-com-garconete-em-fernando-de-noronha.ghtml>>

2.4 OS NEGROS NA COLÔNIA ALEMÃ

A invisibilidade dos negros na construção do RS é de fato algo concreto, como na visão de Oliven (1996), onde a história gaúcha tradicional tende a mostrar que foi pouca sua importância, pois não é que o negro não seja visto, mas ele é visto como se não existisse, e mesmo não havendo registro dos negros em algumas histórias oficiais no início da antiga Real Feitoria do Linho Cânhamo, o livro de Eni Allgayer, “Escravidão: Negros e Índios” de 2005, nos remete a algumas informações relevantes da presença de escravizados na região.

A Feitoria, fundada em 1783, nas proximidades onde hoje é Pelotas, foi transferida em 1788 para as margens do Rio do Sinos, possuindo muitos escravizados vindos do RJ, principalmente para a mão de obra das fazendas e nas construções de edificações no início da ocupação imperial na região, ainda foi constatado na época cerca de 321 escravizados na região que hoje é São Leopoldo.

Ainda que legalmente fosse proibido o uso de escravizados na Colônia Alemã, algumas fazendas faziam o uso da mão de obra na criação de gado e nas lavouras. Com esta informação é demonstrado que os negros contribuíram e muito no desenvolvimento e prosperidade dessa região, não sendo exclusividade dos imigrantes o início de transformação de uma colônia para vila e posteriormente cidade. Allgayer (2005) conta que mais tarde o Governo Imperial edita a Lei nº 514 de 30 de outubro de 1848, artigo 16, determinando que em terras cedidas para imigrantes fosse proibido mão de obra escravizada, embora algumas ainda fizessem o uso.

Menciona Allgayer (2005) que as fazendas da região tinham em mãos negras o processo da farinha de mandioca e do polvilho, que após o processo de ensacar eram transportados até Porto Alegre pelo Rio do Sinos, em barcos remados pelos próprios escravizados. A contar do ano de 1874 o transporte da farinha e da carne começou a ser feito pelos trens. A partir de uma análise do processo de imigração no Brasil, Leite (1996) entende que o objetivo foi alcançado para que a grande diversidade de etnias em solos da região sul, não fosse valorizada e condicionada ao trabalho do negro, pois os negros nunca aparecem por seus respectivos nomes, mas sempre por estatísticas, números e cores.

Giron e Radünz (2012) mencionam que além da perda da sua língua e do nome pela escravização forçada, era o fim dos seus laços familiares, culturais e simbólicos,

acabando com qualquer possibilidade de conhecimento de seus antepassados. Um trecho de uma pesquisa de campo, extraído do livro *Negros no Sul* (1996, p. 49), organizado por Ilka Leite, demonstra a visão depreciativa e a reatualização do racismo que o sulista tem:

O Estado não dependeu da mão-de-obra escrava. (...) os negros que aqui ficaram foram suplantados pelo contingente de imigrantes. (...) Graças à imigração, regiões antes mergulhadas no atraso e estagnação se desenvolveram e progrediram. (...) Foram a raça, o vigor e a superioridade do imigrante europeu, assim como seu trabalho e a sua inteligência que construíram um sul desenvolvido. (...) Ao contrário de outras regiões, foi a não-dependência da mão-de-obra escrava, principalmente, que possibilitou tudo isso. (...) O preenchimento deste espaço como uma raça superior (...) a sua vocação europeia pôde desenvolver-se graças à ausência do negro.

A participação do negro é excluída e invisibilizado o grau de importância e relevância, não só da região da antiga Colônia Alemã, mas também de todo Estado do RS, pois continuar projetando esta visão somente do olhar de exclusão do negro é manter acesa essa imagem segregatória (VIEIRA, 2017). Nas concepções de Tramonini (2000), por muito tempo o sistema escravista ignorou a presença, a importância negra na sociedade gaúcha e ainda existe um grande vácuo literário na região da colonização alemã, pois essa mentira somente serviu para que o negro não estivesse presente na narrativa e historiografia oficial do RS (SILVA, 2017), dado que “é consenso que os projetos imigrantistas no Brasil foram orientados, entre outras motivações, pela noção de raça” (ROSA, 2014, p.8).

3 RACISMO E AS SEGREGAÇÕES

Para a elaboração deste estudo é utilizado o conceito de raça, embasado conforme alguns autores, que são necessários para a compreensão da pesquisa. No entendimento do autor Almeida (2019, p.24) “raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão”. Raça é considerada mais que uma palavra, é um conceito que dentro da concepção de Santos (2015, p.143-144) “a raça é um princípio social de classificação de indivíduos e grupos, construído artificialmente para o ordenamento de relações de hierarquias e poder”.

Já Zamora (2012, p.564) define que “raça é um operador social que continua a produzir efeitos, sendo usada para agregar indivíduos e grupos que compartilham certos aspectos físicos observáveis [...]”. Contudo ainda se pode afirmar de que nas sociedades dos dias atuais, a história da trajetória das raças é forjada a partir da constituição política e econômica (ALMEIDA, 2019).

Schucman (2012) traz a concepção que para entendimento das relações sociais cotidianas, é fundamental a raça, como categoria sociológica, dado que raça a partir de uma categoria social, irá subsidiar as políticas públicas como as cotas e ações afirmativas. Na elucidação do conceito de racismo biológico-social pode ser fundando no seguinte trecho:

[...] nasce e se desenvolve um racismo biológico-social fundado na ideia de que há uma raça superior (branco-europeia) detentora de superioridade física, moral, intelectual e estética, dispondo, portanto, de um poder sobre verdades e normas, e aquelas raças que constituem um perigo para o patrimônio biológico. (SCHUCMAN, 2010, p.43)

Já Carneiro (2011, p.60) sobre essa pseudociência desmistifica:

A ciência vem revelando a falácia do conceito de raça do ponto de vista biológico. Essa constatação científica é utilizada para minar as reivindicações de políticas específicas para grupos discriminados com base na “raça” ou na cor da pele. As novas pesquisas destroem as bases do racismo do século XIX, que consagrou a superioridade racial dos brancos em relação a outros grupos humanos, justificando opressões e privilégios, mas elas ainda não tiveram impacto sobre as diversas manifestações de racismo em ascensão no mundo inteiro, e sobre a persistente reprodução de desigualdades que ele gera, o que reafirma o caráter político do conceito de raça, a sua permanência e atualidade, a despeito de ser insustentável do ponto de vista biológico.

A concepção de racismo científico foi relacionada à apologia biológica, para a ideologia de existência de raças humanas superiores e inferiores, proclamando que a raça branca seria mais civilizada, com a miscigenação desqualificando a humanidade (SCHUCMAN, 2012), um jogo de poder e estratégia na razão de manter a dominação. Relata Carneiro (Mano a Mano, 2022) que o racismo funciona como um conjunto de ideias para que exista privilégio de um grupo étnico racial dito como superior, em detrimento de outro que é considerado inferior, com a discriminação racial mantendo essa conquista de privilégios. Zamora (2012, p.565) por sua vez ilustra o conceito de racismo da seguinte forma:

O racismo consiste na ideia de que algumas raças são inferiores a outras, atribuindo desigualdades sociais, culturais, políticas, psicológicas, à raça e, portanto, legitimando as diferenças sociais a partir de supostas diferenças biológicas.

Partindo do significado, os sentimentos e sensações que a palavra racismo inflama, é inegável que o debate seja feito e evidenciado em todas as camadas e classes sociais. Essa mescla de autores colabora para elucidar os conceitos e entendimento de toda uma estrutura, criada para efeitos de dominação, extinção de conflitos e normalidade da sociedade, mantendo monopólio do poder a favor de um determinado grupo étnico racial construído e arquitetado para manter a superioridade.

A branquitude foi criada a partir de processos históricos como a colonização, que acabou por iniciar a escravização (SCHUCMAN, 2012). Não é por cor de pele, mas pelos padrões e privilégios que foram criados a partir desta política que se silencia diante das segregações, dos privilégios e de sua interferência no processo de escravização do negro (BENTO, 2002). Como cita a autora a relação entre privilégio branco com branquitude:

Privilégio branco é entendido como um estado passivo, uma estrutura de facilidades que os brancos têm, queiram eles ou não. Ou seja, a herança está presente na vida de todos os brancos, sejam eles pobres ou antirracistas. Há um lugar simbólico e concreto de privilégio construído socialmente para o grupo branco. Por sua vez, o conceito de prerrogativa branca diz respeito a uma posição ativa, na qual brancos buscam, exercitam e aproveitam a dominação racial e os privilégios da branquitude. (BENTO, 2022, p.47)

No molde de sociedade e padrões de pessoas formadas a partir da branquitude, a autora Bento (2002, p.25) define que “podemos nomear branquitude [...] como traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias de

branqueamento”. Na assimilação de Schucman (2012) a branquitude para não se mostrar racialmente privilegiada, por seus altos cargos ocupados, pelos brancos na hierarquia social, produziu e se baseou em mecanismos geradores de desigualdade racial, como a proliferação do mito da democracia racial.

Grande parte da população aceita o discurso sobre o mito da democracia racial em suas relações, que na perspectiva de Bento (2022, p. 24) “é ao longo da história que se forja o “sistema meritocrático” em que um segmento branco da população vai acumulando mais recursos econômicos, políticos, sociais, de poder que vai colocar seus herdeiros em lugar de privilégio”.

Para legitimar o mito da democracia racial, os negros que possuem uma posição privilegiada e prestígio pessoal, se veem impotentes em transferir isso para seu grupo étnico racial em coletividade (CARNEIRO, 1995), já Santos (2007, p.28) verbaliza muito bem esse mito de que “a democracia racial é transformada em sonho por uma sociedade melhor e mais justa, na qual todos são considerados cidadãos” e esta teoria serve apenas para criar uma utopia de que todas as pessoas, independentes da raça/cor, possuem as mesmas oportunidades.

Souza (2021) diz que no fracasso social produzido, culpar o sofredor individualmente é sempre necessário. Ao contrário dessa meritocracia, o que vemos são os negros sempre forçados a assumir o protagonismo em funções sociais subalternas à classe dominante, e basta fazermos uma observação mais crítica dos nossos locais de vivência e perceber que as funções de segurança e limpeza em maioria são pessoas negras, como relata (ALMEIDA, 2019). O próprio mito da democracia racial nas palavras de Fernandes (2008, p.318) encontramos a seguinte percepção:

a convicção de que as relações entre “negros” e “brancos” corresponderiam aos requisitos de uma democracia racial não passa de um mito. Como mito, ela se vinculava aos interesses sociais dos círculos dirigentes da “raça dominante”, nada tendo que ver com os interesses simétricos do negro [...] [...] não operava como uma força social construtiva, de democratização dos direitos e garantias sociais na “população de cor”. Inscrevia-se, contrariamente, entre os mecanismos que tendiam a promover a perpetuação, em bloco, de relações e processos de dominação que concentravam o poder nas mãos dos mencionados círculos dirigentes da “raça branca”, como sucedera no recente passado escravista.

Hasenbalg (1979) ressalta que a ideia de que o mito da democracia racial está apropriado pelos intelectuais da elite branca dominante, a fim de socializar a

população de brancos e não brancos, impedindo um embate étnico e reivindicações de direitos. A própria ideologia da democracia racial se apoia no discurso da meritocracia, culpando a própria população negra pelas suas condições sociais (ALMEIDA, 2019), promovendo um discurso altamente racista, inibindo a prática de ações do governo para diminuir as desigualdades.

Transcrito por Nascimento (2016, p.52) em uma análise de Florestan Fernandes sobre o assunto, “o negro permaneceu sempre condenado a um mundo que não se organizou para tratá-lo como ser humano e como igual”. A teoria da democracia racial é algo que ainda não foi materializado, assegurando o seu amplo direito de algo (GUIMARÃES, 2002), uma vez que o difícil rompimento do ciclo de pobreza do negro, está diretamente ligado ao discurso da mentira desse mito de democracia racial, com o apoio do mito da meritocracia, dificultando as políticas públicas de enfrentamento (GOMES; MELLO, 2021).

Demonstrado em seu livro Carneiro (2011) revela como o mito da democracia racial é usado por um grande pedestal, ligado a miscigenação, ancorando uma tolerância das harmonias das raças, elucidando todos esses desafios que envolvem a problemática.

Difícilmente os conceitos apresentados conseguem se desvencilhar, eles são interligados com o aprofundamento da pesquisa e servem de instrumentos para a explicação das consequências e dos efeitos produzidos desses mecanismos na sociedade e nos grupos étnicos raciais. Os conceitos de raça, racismo e branquitude podem ser interligados ao projeto de limpeza que houve nos centros das cidades, invisibilizando a população negra, sua cultura e religiosidade (BONETTO, 2018), produzindo efeitos negativos para população negra até hoje.

“A predominantemente racista orientação da política imigratória foi outro instrumento básico nesse processo de embranquecer o país” (NASCIMENTO, 2016, p.85) e São Leopoldo passou por esse mesmo sistema da política imigratória quando houve a primeira imigração europeia para região em 1824. Em um trecho do livro “Negros no Sul do Brasil” Leite (1996, p.41) relata:

A invisibilidade do negro é um dos suportes da ideologia do branqueamento, podendo ser identificada em diferentes tipos de práticas e representações [...] não é que o negro não seja visto, mas sim que ele é visto como não existente [...] revelando-se como uma das principais formas de o racismo se manifestar

[...] A invisibilidade pode ocorrer no âmbito individual, coletivo, nas ações institucionais, oficiais, e nos textos científicos.

Se pode ilustrar através do seguinte texto, determinadas origens da discriminação, apontadas pela autora:

[...] a discriminação racial pode ter origem em outros processos sociais e psicológicos que extrapolam o preconceito. O direito de manter o próprio privilégio branco (teoria da discriminação com base no interesse), combinado ou não com o sentimento de rejeição dos negros, pode gerar discriminação [...] a distinção entre discriminação provocada por preconceito e discriminação provocada por interesse (BENTO, 2002, p.28).

Para um maior subsídio de compreensão dos fatos, um registro da obra de Carneiro (1995), traz na sua visão como as entidades negras por todo Brasil lutam diariamente contra o racismo e a discriminação racial, tentando uma emancipação e mobilidade coletiva social no combate da dignidade do povo negro brasileiro. Essa mobilidade precisa ser coletiva para que haja força em reivindicar os direitos constitucionais de um povo oprimido, na tentativa de melhores e efetivas políticas públicas.

Conforme Santos (2007, p.30) a “discriminação origina-se de práticas pontuais e sistemáticas que se reproduzem das relações cotidianas”. Ressaltando em sua obra Carneiro (2011) vê prevalência da concepção de que alguns humanos são mais do que outros, ao que leva ao resultado de desigualdade dos direitos junto da herança do racismo científico do século XIX, que dividiu a humanidade em raças, estabelecendo hierarquias, constituindo superioridades e inferioridades, entre elas reproduzindo as desigualdades sociais. “O discurso europeu sempre destacou o tom da pele como a base principal para distinguir status e valor” (BENTO, 2022, p.18).

É difícil não interligar novamente o racismo com os outros conceitos como a desigualdade, e na perspectiva de um dos autores de referência na pesquisa (Almeida, 2019, p.16) explica que “o racismo fornece o sentido, a lógica e a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea”, terminando por formatar uma espécie de avalanche de consequências, dispondo o racismo a forjar essas discrepâncias sociais. Em Santos (2001), a desigualdade se cria a partir de uma carência e escassez e em paralelo as necessidades, já que não existe satisfação para todos.

Neste cenário Santos (2001, p.129) fundamenta que “o reino da necessidade existe para todos, mas segundo formas diferentes, as quais simplificamos mediante duas situações – Tipo: para os “possuidores”, para os “não possuidores”. Para os “não possuidores” se vive a rotina da falta de recursos e de serviços, dotando uma asfixia de desigualdade do negro perante a negritude, falta de acesso ao dinheiro e informações para maior parte da população.

Na necessidade de moldar uma discriminação, por resultado, uma desigualdade, é inevitável não potencializar as segregações dentro do cenário da pesquisa, e na perspectiva de Vieira (2017) todo esse processo de segregação urbana pode ser entendido não só como físico, mas também na semântica de signos, com o espaço em si, diminuindo a parte cultural e espacial dos segregados, entendendo que “sem o processo de segregação socioespacial, o controle do espaço urbano, tocante a sua produção e o seu consumo, não poderia acontecer pela classe dominante” (NEGRI, 2008, p.150).

A própria segregação racial e socioespacial para ocorrer é preciso a distribuição espacial de classes sociais, ocasionando o acréscimo das dessemelhanças sociais, uma expressão espacial adquirida a partir de uma distância social e racial estruturada pelo espaço urbano.

4 METODOLOGIA

Para chegar aos resultados foi preciso leituras de dados, tanto qualitativos quanto quantitativos, referências, imagens, materiais bibliográficos que dialogam com a temática do estudo e caso. Com documentos históricos, trabalhos, livros, monografias, dissertações e teses acadêmicas, chegou-se ao encontro das possíveis respostas do problema de pesquisa, mantendo o cuidado nas interpretações das obras e dados dos autores. O Censo de 2010 foi essencial para obter os dados da população por setor censitário e necessário para confecção da produção cartográfica dos mapas para a pesquisa e análise.

A escolha por setor censitário para coleta de dados teve por objetivo conseguir elucidar melhor as disparidades e segregações, tanto raciais quanto socioespaciais dentro do município, e principalmente em áreas específicas dentro dos bairros. A heterogeneidade do bairro é melhor vista baseada na abordagem e análise por setor censitário. Pode existir um bairro predominantemente não negro, mas em algum setor específico ter uma população preta/parda considerável, contando ainda que as informações serão mais detalhadas quando se trabalha por setor.

A análise dos dados do município trabalhada por setores censitários, foi o método que o Censo Demográfico do ano de 2010 fez a coleta em todo país. São Leopoldo possui 381 setores censitários, com 376 no perímetro urbano e apenas 5 setores rurais, divididos entre os 24 bairros do município. Por falta de algumas variáveis do IBGE principalmente nos setores rurais de São Leopoldo e possuir uma população de 99% urbana, foi escolhido trabalhar apenas com os setores censitários urbanos do município, para que houvesse um maior número possível de variáveis disponíveis em níveis de comparação de segregação racial e socioespacial da população.

O IBGE (2011, p.9) considera como setor censitário:

a unidade territorial de controle cadastral da coleta, constituída por áreas contíguas, respeitando-se os limites da divisão político-administrativa, do quadro urbano e rural legal e de outras estruturas territoriais de interesse, além dos parâmetros de dimensão mais adequados à operação de coleta.

Essas informações estão divididas e distribuídas em planilhas, que abrangem várias características da população, domicílios e seu entorno. Todas as informações

são confidenciais e obrigatórias. O código do setor censitário é composto por 15 dígitos, tornando-o único e diferente de todos os outros. Eles são divididos da seguinte forma:

- UFMDDSDSSSS;
- UF (Unidade da Federação);
- MMMM (Município);
- DD (Distrito);
- SD (Subdistrito);
- SSSS (Setor).

Para considerar o que é urbano, o IBGE dispõe informações no documento “Base de informações do Censo Demográfico 2010” no seu próprio site. Contendo a explicação sobre o que é urbano: “Situação urbana, consideraram-se as áreas, urbanizadas ou não, internas ao perímetro urbano das cidades (sedes municipais) ou vilas (sedes distritais) ou as áreas urbanas isoladas, conforme definido por Lei Municipal vigente em 31 de julho de 2010” (IBGE, 2011, p.20).

Após coleta e análise dos dados e calculadas as variáveis, foi necessário processar os mapas no QGIS 3.22.9, para gerar os resultados visuais do município. O QGIS é um software capaz de visualizar, gerenciar e criar mapas para análise de dados, por meio de uma representação vetorial (shapefile)¹⁷, junto de um banco de dados (tabela)¹⁸. Na confecção da “legenda” dos mapas, partindo das variáveis calculadas e seus resultados, foram criados intervalos de classes para representar os dados e necessário criar uma classe extra nomeada “Sem Informação”, quando há falta de dados nos setores censitários das planilhas do IBGE do ano de 2010. O Sistema de Referência de Coordenadas usado foi o SIRGAS 2000 EPSG4674, esse código indica que foram referenciados os dados vetoriais e não houve distorções nos shapefiles.

A fim de diminuir a poluição visual nos mapas, a cor do preenchimento foi designada para ser igual a cor do traço do limite do setor, colocando os limites dos bairros como referência de localização, mas as informações são unicamente por setores

¹⁷ Shapefile dos setores censitários. Disponível em: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa204941>. Acesso em: 30 de julho de 2022

¹⁸ Tabelas e Documento Agregado dos Setores. Disponível em: de https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_do_Universo/Aggregados_por_Setores_Censitarios/. Acesso em: 30 de julho de 2022

censitários. Por ser uma representação ordenada se usou um degrade de cores no mapa de cor/raça, renda e alfabetização, enquanto o mapa de “esgoto a céu aberto” foi elaborado como atributo, (SIM e NÃO) no objetivo de demonstrar onde há a falta de saneamento básico dos setores censitários.

A classe nomeada “Sem Informação”, ficou com uma coloração branca, quando não houve dados disponíveis dos setores censitários nas planilhas de Documentação Agregado dos Setores no site do IBGE. O IBGE possui uma explicação quando não há dados disponíveis:

Os domicílios classificados como fechados são aqueles que sabidamente possuíam moradores na data de referência, mas que não tiveram entrevista realizada para o preenchimento das informações do questionário, independentemente do motivo da não realização da entrevista [...] considerando que a identificação de um informante ocorre quando ele é diretamente identificado em um arquivo liberado (identificação direta), quando uma informação sensível sobre o informante é revelada por meio de um arquivo liberado (identificação por atributo), ou ainda quando um dado liberado torna possível determinar o valor de uma característica de um informante de modo mais preciso do que seria possível obter por qualquer outro meio (identificação por inferência), não basta disseminar arquivos com registros anônimos. No arquivo agregado por setores, o IBGE optou pela restrição de dados como forma de proteção dos dados dos informantes do Censo Demográfico 2010. Assim, em todos os setores com menos de cinco domicílios particulares permanentes foram omitidos os valores da maioria das variáveis de dados. Foram mantidas apenas as variáveis estruturais tais como: a identificação das subdivisões geográficas, o número de domicílios e a população por sexo. Para indicar a omissão dos dados, os valores das variáveis foram preenchidos com “x”. (IBGE, 2011, p.30 e 37).

Através dos dados disponíveis nos “Resultados do Universo” do site do IBGE, se chegou ao objetivo em níveis de comparação e uma melhor avaliação da segregação racial e socioespacial, foi designado trabalhar com os 5 setores com maior proporção de autodeclarados pretos e pardos somados, podendo assim compará-los com os 5 setores de menor proporção de população autodeclarada preta/parda. A escolha de comparação entre os 10 setores, se dá pelo fato de se evidenciar a dimensão dos extremos da cidade, com uma demanda já possível para níveis de relação, para assim demonstrar a segregação racial e socioespacial.

Partindo da escolha de um número adequado de setores para comparação, foi relacionado a proporção de população preta/parda por setor censitário, para demonstrar a segregação racial. Com o nível de escolaridade, baseado na taxa de alfabetização, de renda, com a proporção de pessoas que não possuem Renda Nominal Mensal (RNM) ou até $\frac{1}{2}$ salário-mínimo e esgoto a céu aberto (saneamento básico).

A segregação socioespacial foi demonstrada com a criação de um índice de segregação socioespacial para questão de escala e conseqüentemente a elaboração de um mapa dessa segregação. Tendo através destes, os subsídios necessários para as comparações e correlações da segregação racial com a socioespacial.

4.1 MAPA DE POPULAÇÃO RESIDENTE

Na confecção do mapa de pessoas residentes por setor censitário urbano, no município de São Leopoldo, se usou a planilha Arquivo Cor ou Raça, idade e gênero (planilha Pessoa03_RS.xls), com a variável:

- V001= Pessoas Residentes

Para o IBGE (2011, p.20) “população residente é constituída pelos moradores em domicílios na data de referência”. O valor da variável foi inserido no software em números absolutos, sem necessidade de cálculo para chegar ao seu valor total.

4.2 MAPA DA PROPORÇÃO DE PRETOS E PARDOS

Para confecção do mapa de pretos/pardos se utilizou a metodologia do IBGE de cor /raça declarado pela pessoa. Para o IBGE (2011, p.27) cor ou raça declarada pela pessoa:

- Branca - pessoa que se declarou branca;
- Preta - pessoa que se declarou preta;
- Parda - pessoa que se declarou parda;

Para chegar à variável da proporção de pretos e pardos foi necessária a coleta das variáveis da planilha Arquivo Cor ou Raça, idade e gênero (planilha Pessoa03_RS.xls):

- V001 = Pessoas Residentes
- V003 = Pessoas Residentes e cor ou raça - preta

- V005 = Pessoas Residentes e cor ou raça - parda

Com o cálculo a seguir, foi possível chegar ao resultado da proporção total de pretos e pardos por setor censitário:

$\frac{\text{Total Pretos} + \text{Total de Pardos}}{\text{Pessoas residentes}} \times 100$

4.3 MAPA DA PROPORÇÃO DE RNM DE ATÉ ½ SALÁRIO-MÍNIMO OU SEM RENDA

Na confecção do mapa por renda, foi escolhido evidenciar os residentes que possuem renda nominal mensal de até ½ salário-mínimo ou sem renda, afim de demonstrar a segregação em efeitos de poder econômico e financeiro.

Para elaboração do mapa de renda foram analisadas as variáveis da planilha, Arquivo Renda da Pessoa (planilha PessoaRenda_RS.xls), somando:

- V001 = Pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento nominal mensal de até ½ salário-mínimo;
- V010 = Pessoas de 10 anos ou mais de idade sem rendimento nominal mensal.

Chegando ao total de pessoas que não possuem renda ou recebem até ½ salário-mínimo.

Para chegar ao total de pessoas que possuem renda no setor, foi usada a mesma planilha Arquivo Renda da Pessoa (planilha PessoaRenda_RS.xls), somando as variáveis:

- V001 = Pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento nominal mensal de até ½ salário-mínimo;

- V002 = Pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento nominal mensal de mais de $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo;
- V003 = Pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento nominal mensal de mais de 1 a 2 salários mínimos;
- V004 = Pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento nominal mensal de mais de 2 a 3 salários mínimos;
- V005 = Pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento nominal mensal de mais de 3 a 5 salários mínimos;
- V006 = Pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento nominal mensal de mais de 5 a 10 salários mínimos;
- V007 = Pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento nominal mensal de mais de 10 a 15 salários mínimos;
- V008 = Pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento nominal mensal de mais de 15 a 20 salários mínimos;
- V009 = Pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento nominal mensal de mais de 20 salários mínimos;
- V010 = Pessoas de 10 anos ou mais de idade sem rendimento nominal mensal.

Com um número bruto ou total do setor, é difícil analisar o poder financeiro, pois não se sabe quantas pessoas residem no setor censitário. Se torna muito mais efetivo em termos de estudo, obter a proporção de pessoas por setor com essa característica. Na transformação para proporção foi preciso somar a V001 até V010, para se ter um total de pessoas com alguma renda ou não. Se chegou à proporção de pessoas que não possuem renda nominal mensal ou recebem até $\frac{1}{2}$ salário a partir do cálculo a seguir:

$\frac{\text{Número absoluto de pessoas que recebem até } \frac{1}{2} \text{ salário ou sem renda}}{\text{Número absoluto de pessoas com renda no setor}} \times 100$

4.4 MAPA DA PROPORÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO

Para o IBGE (2011) se considera como alfabetizada a pessoa capaz de ler e escrever um simples bilhete no idioma que conhece. “Considerando analfabeta a pessoa que aprendeu a ler e escrever, mas que esqueceu devido a ter passado por um processo de alfabetização que não se consolidou e a que apenas assinava o próprio nome” (IBGE, 2011, p.28).

Na planilha Arquivo Alfabetização, total (planilha Pessoa01_RS.xls), com a variável:

- V001 = Pessoas alfabetizadas com 5 ou mais anos de idade.

Na planilha Pessoa01_RS.xls, a população alfabetizada é a partir dos 5 anos de idade, tendo que tomar um cuidado para que não fosse somada a população total do setor. Para transformar uma variável em proporção é preciso fazer uma divisão em natureza igual, dividindo a população alfabetizada pela população residente a partir dos 5 anos de idade.

Pela planilha Arquivo Idade, total (planilha Pessoa13_RS.xls) foi somada todas as variáveis dentro da numeração abaixo:

- V039 = Pessoas com 5 anos de idade;
Até a variável:
- V134 = Pessoas com 100 anos ou mais de idade.

Chegando ao número absoluto total de pessoas residentes a partir de 5 anos de idade por setor censitário. Desse modo, alcançar a proporção da população que é alfabetizada por setor, executando o seguinte cálculo:

$\frac{\text{Total de pessoas alfabetizadas}}{\text{Pessoas residentes a partir dos 5 anos}} \times 100$
--

4.5 MAPA ESGOTO A CÉU ABERTO

Na classificação do que é “Entorno”, com o subitem, “Esgoto a céu aberto”, o IBGE analisa determinadas características. “Foi pesquisado se na face ou na sua face confrontante, existia vala, córrego ou corpo d’água onde habitualmente ocorria lançamento de esgoto doméstico; ou valeta, por onde escorria, na superfície, o esgoto doméstico a céu aberto” (IBGE, 2011, p.29). Com as três variáveis usadas na coleta de dados.

Usando a planilha Arquivo Entorno 01 (planilha Entorno 01_RS.xls), obtive os setores censitários com Esgoto a céu aberto, usando as variáveis:

- V050 = domicílios particulares permanentes próprios – Existe esgoto a céu aberto;
- V052 = domicílios particulares permanentes alugados – Existe esgoto a céu aberto.
- V054 = domicílios particulares permanentes cedidos – Existe esgoto a céu aberto.

Não houve necessidade de cálculo para o resultado da variável, visto que nesse resultado está se trabalhou pelo atributo (SIM e NÃO).

5 SEGREGAÇÃO RACIAL E SOCIOESPACIAL

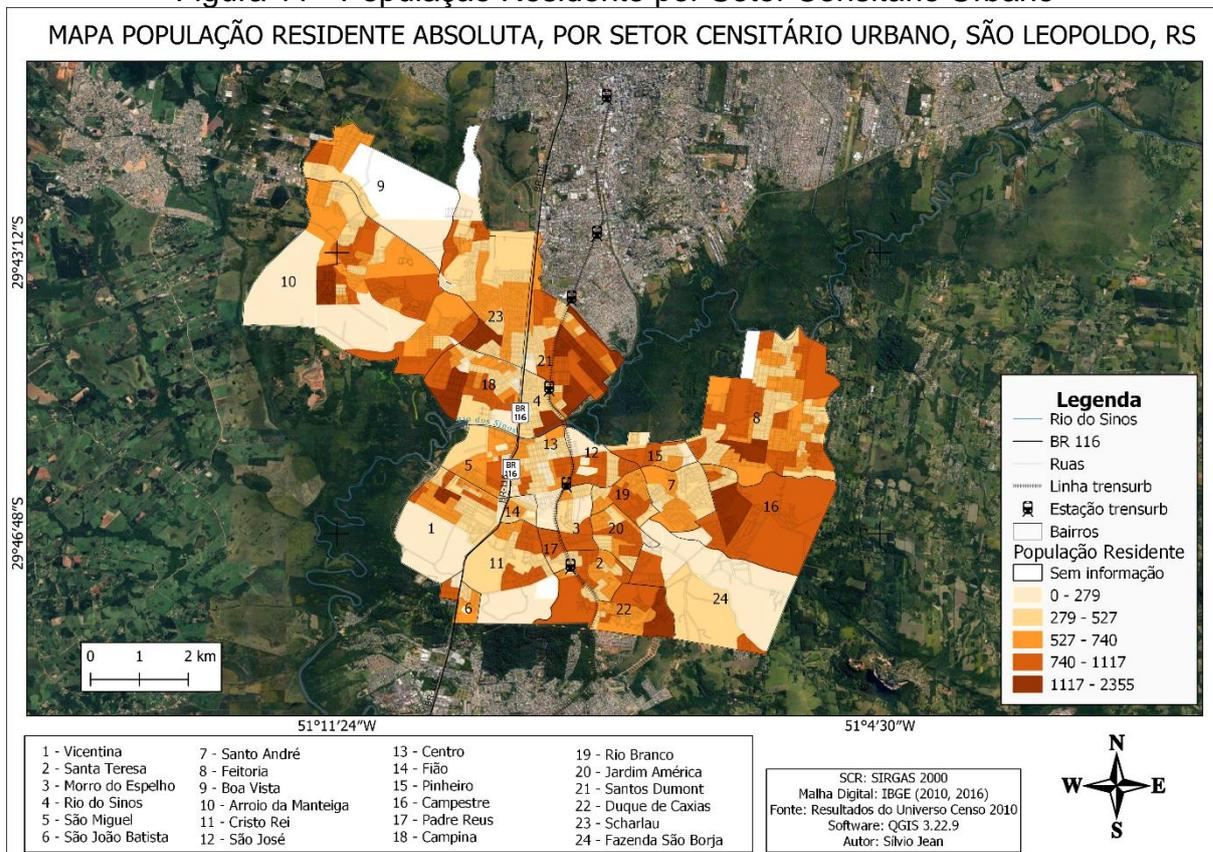
Como resultados deste trabalho, pode se elencar a questão da segregação racial e socioespacial no município de São Leopoldo. Essa segregação ficou evidenciada a partir das análises e relações dos dados coletados do IBGE e mapeados como foi demonstrado na metodologia. Nesse sentido nos próximos subcapítulos foi apresentada as análises e correlações dos dados coletados com as segregações raciais e socioespaciais.

O subcapítulo 5.1 se abordou uma análise da distribuição da população residente e por cor/raça na cidade de São Leopoldo, a partir de dois mapas e informações se demonstrando as regiões que a população preta/ parda ocupa. No subcapítulo 5.2 em um primeiro momento é analisado os 10 setores censitários em proporções de população preta/parda, após a correlação entre espacialidade com cor/raça, em um mapa exclusivo na elucidação da segregação racial. Sobre o subcapítulo 5.3 é demonstrado o quanto a relação entre renda, educação e infraestrutura caminham na mesma direção a partir da imagem e análise dos mapas. No 5.4 demonstra como foi elaborado e formatado um índice de segregação socioespacial, a fim de conseguir apontar o nível de dissemelhanças e precariedades entre setores. Por fim no 5.5 é exibido um mapa específico e único para confirmar e afirmar as correlações da segregação racial com a segregação socioespacial através do índice criado.

5.1 ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR COR OU RAÇA

“A população residente é constituída pelos moradores em domicílios na data de referência” (IBGE, 2011, p.20) e fundamentando a confecção dos mapas no software Qgis, com dados das variáveis do Censo Demográfico 2010, o mapa abaixo de População Residente (figura 11) exemplifica a cidade de São Leopoldo.

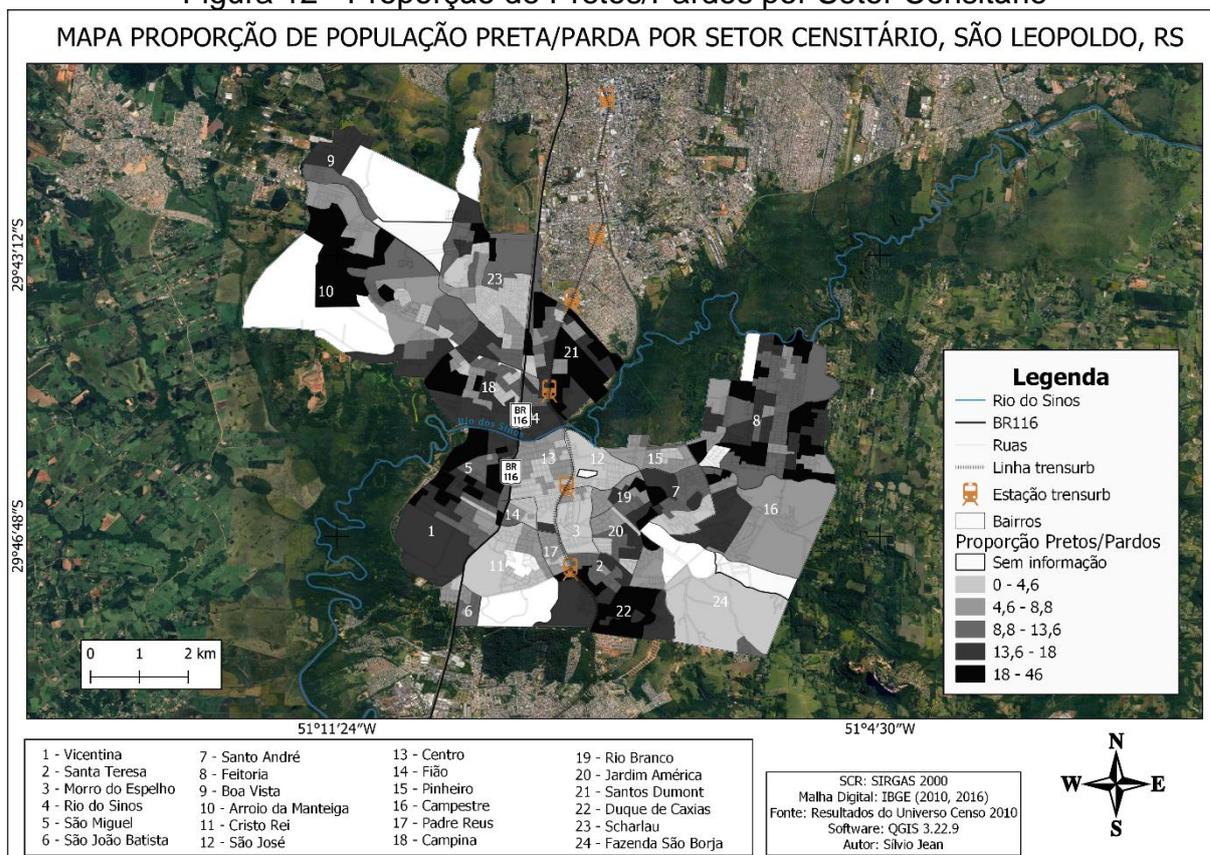
Figura 11 - População Residente por Setor Censitário Urbano



Fonte: Autor em base no Censo IBGE (2010)

Se observa em primeiro lugar que há uma população em maior concentração perto da Estação Trensurb Rio do Sinos que fica entre o limite dos bairros Rio do Sinos e Santos Dumont. Os setores censitários com maior população residente se encontram nos setores censitários de bairros como Santos Dumont, Vicentina e Feitoria. Os mesmos bairros que contêm os setores com maior população residente, são aqueles que apresentam uma maior proporção de pretos/pardos, conforme abaixo a figura 12 retrata.

Figura 12 - Proporção de Pretos/Pardos por Setor Censitário



Fonte: Autor com base Censo IBGE (2010)

Foi coletada a população total residente do setor urbano e calculada a proporção de pretos e pardos. Com a confecção do mapa de cor/raça, a população preta/parda é visualmente empurrada para fora das regiões centrais do município. Enquanto os bairros Centro e São José possuem setores censitários com uma proporção em média de 1,1% de população preta/parda, os bairros São Miguel e Santos Dumont tem setores com pouco mais de 45% de pretos/pardos. Com o resultado fica evidente que há uma estrutura lógica da divisão de espaços entre negros e brancos na população dentro da cidade, indicando uma segregação racial e perante isso Gomes e Mello (2021) afirmam que aliados aos interesses da elite, o racismo e a segregação atuam a partir do poder público.

5.2 ANÁLISE DA CORRELAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO POR COR/RAÇA

Para fins de correlação de análise da distribuição da população por cor ou raça na cidade de São Leopoldo, foi selecionado para uma análise mais aprofundada os 5

setores com maior proporção de pretos/pardos (tabela 2) e 5 setores com menor proporção de pretos/pardos (tabela 3):

Tabela 2 - Setores Censitários com maior Proporção Pretos/Pardos

Leg. Setor	Cód. Setor	Leg. Bairro	Bairro	Pop. Residente	Proporção Pretos/Pardos
A	431870505000186	21	Santos Dumont	955	45,97%
B	431870505000029	5	São Miguel	177	42,94%
C	431870505000314	1	Vicentina	428	42,76%
D	431870505000337	8	Feitoria	518	42,66%
E	431870505000193	21	Santos Dumont	692	41,33%

Fonte: Autor com Base Censo IBGE (2010)

Tabela 3 - Setores Censitários com menor Proporção Pretos/Pardos

Leg. Setor	Cód. Setor	Leg. Bairro	Bairro	Pop. Residente	Proporção Pretos/Pardos
V	431870505000308	14	Fião	198	1,01%
W	431870505000099	3	Morro Espelho	160	1,25%
X	431870505000068	13	Centro	158	1,27%
Y	431870505000003	13	Centro	454	1,32%
Z	431870505000106	12	São José	432	1,39%

Fonte: Autor com Base Censo IBGE (2010)

A partir da correlação destas duas tabelas (2 e 3) dos 5 setores com maior proporção de pretos/pardos e dos 5 setores com menor proporção de pretos/pardos, foi gerado um mapa de segregação racial da cidade de São Leopoldo (figura 13).

Figura 13 - Mapa Segregação Racial



Fonte: Autor com base em Censo IBGE (2010)

A partir do mapa apresentado oriundo das tabelas (2 e 3) se demonstra nitidamente que há uma segregação racial visível dentro da cidade de São Leopoldo. Enquanto os 5 setores V, W, X, Y, Z com menores proporções de pretos/pardos, estão localizados nos bairros 3, 12, 13, 14, denominados como centrais, os 5 setores A, B, C, D, E que possuem maior proporção de pretos/pardos, se localizam nos bairros 1, 5, 8, 21, denominados periféricos, marcando e delimitando visivelmente uma segregação racial.

Podemos ainda ressaltar que os setores A C e D que na ótica da localização estão em áreas mais afastadas do centro da cidade, dificultando seu acesso a maioria dos serviços públicos, os setores B e E estão mais próximas da área central, no entanto estão alocados em áreas de enchentes, inundações e infraestrutura precária. Na percepção de Gomes e Mello (2021) essas condições de segregação, que afasta os negros e mestiços das áreas centrais é operada pelo Estado conivente com o jogo de poder.

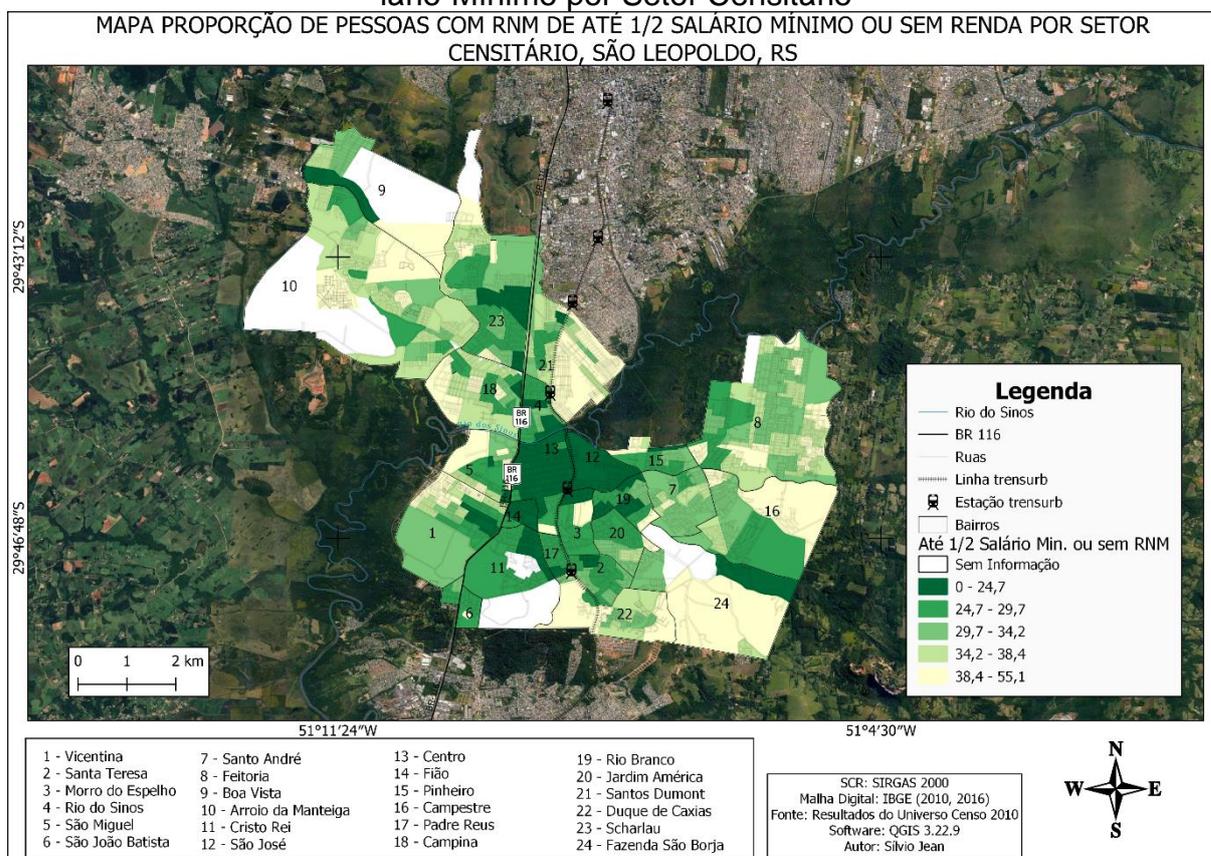
5.3 ANÁLISE DE DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL

A partir da análise da segregação racial esta pesquisa faz também uma análise da segregação socioespacial. Essa segregação socioespacial é evidente com base na falta de zelo social e as exclusões conforme (SANTOS, 2001) e do poder financeiro conforme destaca Hasenbalg (1979, p.198) que “cada nova geração de não-brancos está em posição de desvantagem porque se origina desproporcionalmente de famílias de baixa posição social”, e ter dinheiro significa ter uma melhor vida e partir disto uma melhor educação e ocupar os melhores espaços dentro das cidades.

Geralmente alguns autores ou pesquisadores colocam a segregação, ou o problema social resumido na renda, como um problema central, pois o privilégio econômico é sempre o mais visível (SOUZA, 2021) e para Negri (2008, p.150) “a maioria das pesquisas demonstra que o principal tipo de segregação encontrada é socioeconômico, por meio da qual as classes sociais distribuem-se de forma desigual no espaço urbano das grandes e médias cidades.

No caso de São Leopoldo a análise dos dados da RNM, permitiu concluir que a população que ocupa a área central da cidade possui uma maior renda em relação aos setores censitários mais distantes da região central. Esses setores periféricos possuem uma proporção da população com poder econômico menor de acordo com a figura 14.

Figura 14 - Proporção de Pessoas Sem Renda Nominal Mensal ou até 1/2 Salário-Mínimo por Setor Censitário



Fonte: Autor com base em Censo IBGE (2010)

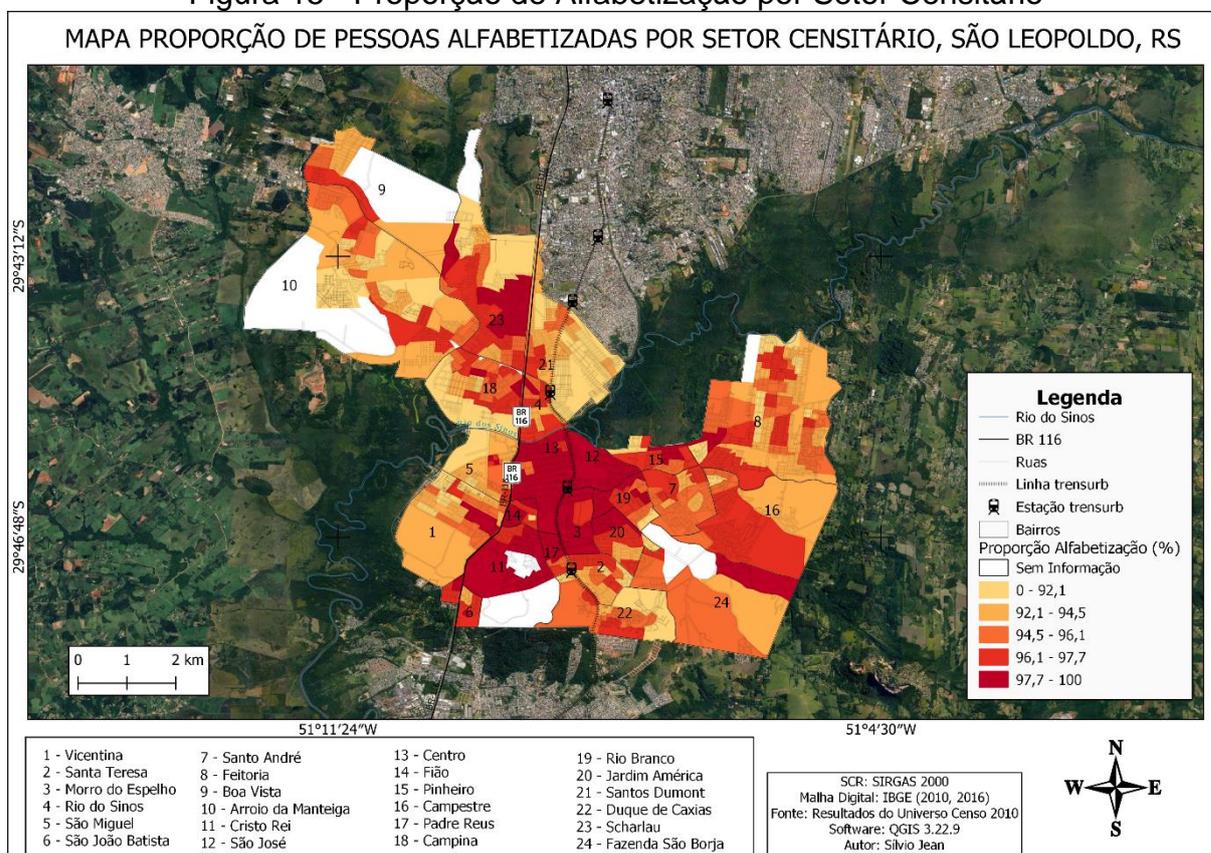
As áreas com menor renda na cidade demonstram que são nos bairros com os setores com a maior proporção de pretos/pardos como Santos Dumont e São Miguel. A maior representatividade de assalariados sem carteira assinada, autônomos e empregados domésticos são pessoas negras (GOMES e MELLO, 2021) e conforme a renda Bento (2022, p.21) afirma:

Segundo dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) a população negra trabalha duas horas a mais do que a branca, em qualquer parte do Brasil. Mais recentemente, em novembro de 2019, outra análise do Dieese indicou que a população negra trabalha mais e ganha menos em todos os estados do Brasil — a média é de 30% menos em comparação com os não negros, sendo as mulheres negras o grupo mais afetado, visto que trabalham quase o dobro do tempo para obter o salário de um homem branco.

Do ponto de vista dos dados educacionais foi confeccionado um mapa para representar a proporção de pessoas alfabetizadas por setor censitário. O mapa (figura 15) demonstra que as maiores proporções de pessoas alfabetizadas estão na região

central do município, justamente onde a maior proporção de população residente é não negra.

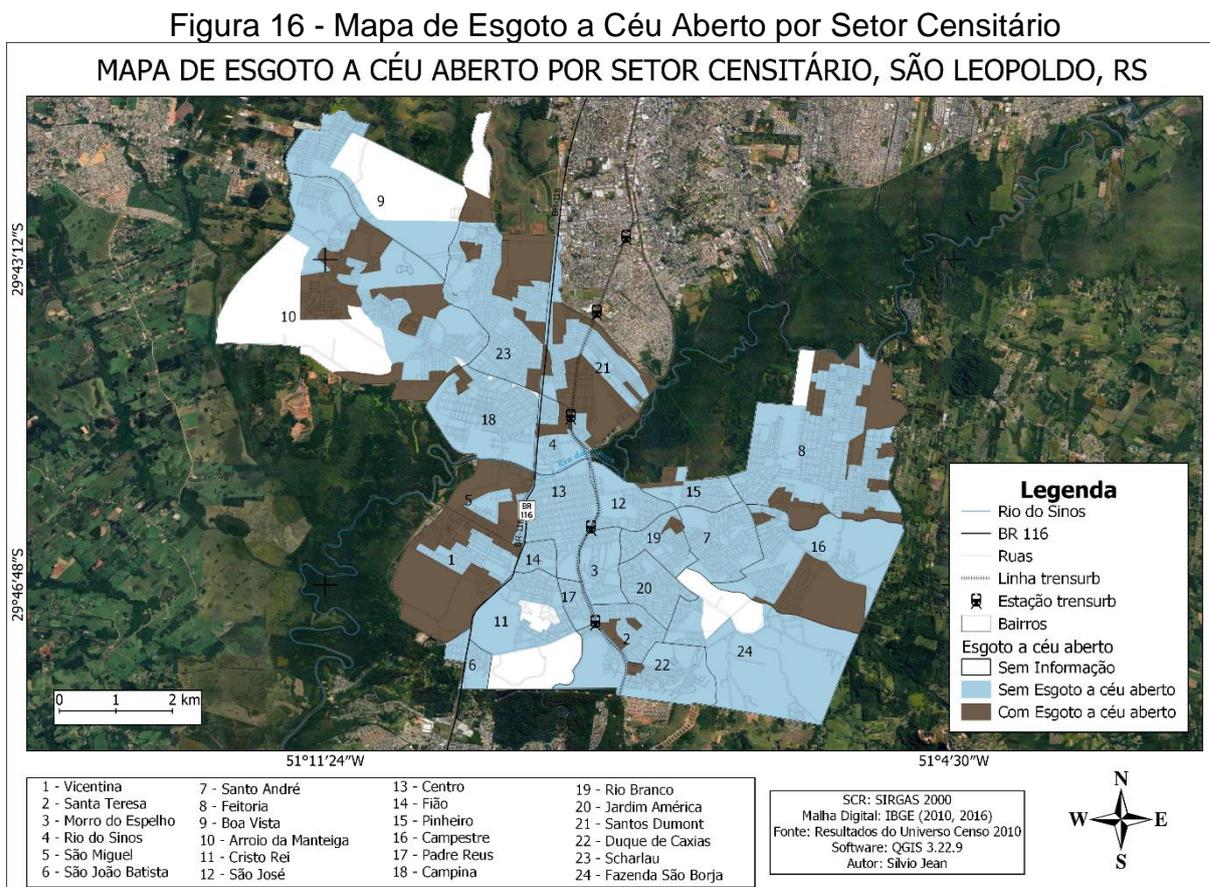
Figura 15 - Proporção de Alfabetização por Setor Censitário



Fonte: Autor com base em Censo IBGE (2010)

Carneiro (2011) ressalta que para a formação da cidadania, a educação é primordial, pois é pouco viável que diante de grandes diferenças nos índices de educação, a população negra irá competir em igualdade com a branca. Enquanto a proporção para as regiões centrais está acima dos 97%, nos setores mais distantes a média é menor que 92%.

A falta de esgoto sanitário é um problema para as populações periféricas dentro dos espaços urbanos no Brasil. O mapa de Esgoto a céu aberto (figura 16), consegue dimensionar a falta de saneamento básico dentro da cidade de São Leopoldo.



Fonte: Autor com base em Censo IBGE (2010)

Obviamente mais uma vez, e não por coincidência, que os locais mais afetados com o esgoto a céu aberto ficam nos setores que simultaneamente englobam a maior proporção da população preta/parda. Enquanto em áreas centrais possuem uma melhor infraestrutura e cuidado por parte das políticas públicas, a população nas periferias convivem com o problema de falta de saneamento, mantendo o padrão de planejamento de segregação.

Os bairros Santos Dumont, Vicentina e São Miguel possuem vários setores com esgoto a céu aberto, ficando expostas há uma infraestrutura mais precária e riscos à saúde. Junto da variável da renda pode se somar a questão da educação, com a proporção de pessoas alfabetizadas e relacionando os mapas propostas para o estudo, podemos concluir que além de aspectos econômicos a população negra sofre com a falta de educação e infraestrutura.

Fundamentado a partir das variáveis de renda, escolaridade e esgotamento sanitário, buscou-se demonstrar a desigualdade selecionando os 5 setores censitários

(tabela 4) com maior proporção de pretos/pardos e a tabela 5 com a menor proporção de pretos/pardos.

Tabela 4 - Setores Censitários com maior Proporção Pretos/Pardos

Leg. Setor	Leg. Bairro	Bairro	Prop. Pret./ Pardos	Prop. Alfb	RNM até ½ Sal. Min. ou sem renda	Esgoto a céu aberto
A	21	Santos Dumont	45,97%	91,59%	43,77%	Não
B	5	São Miguel	42,94%	93,33%	48,06%	SIM
C	1	Vicentina	42,76%	92,62%	45,48%	Não
D	8	Feitoria	42,66%	93,01%	40,19%	Não
E	21	Santos Dumont	41,33%	86,09%	55,12%	Não

Fonte: Autor com Base Censo IBGE (2010)

Com as proporções evidenciadas na tabela 4, se relacionou melhor as proporções junto dos setores. O setor E possui uma proporção de sua população residente com uma RNM de até meio salário-mínimo ou sem renda de 55,12%, e não por coincidência, a proporção de alfabetização é de apenas 86,09%, com uma proporção de população de pretos/pardos de 41,33%.

Ao mesmo tempo que o setor B possui uma proporção de sua população residente de 42,94% preta/parda, a proporção de alfabetização é de apenas 93,33%, havendo uma total relação entre elas. O setor censitário B é considerado um aglomerado subnormal e “é o termo aplicado pelo IBGE para designar um recorte territorial caracterizado por moradias construídas fora do padrão legal, dificuldade de acesso a serviços básicos e padrão urbanístico diferente daquele da cidade à sua volta”. (IBGE, 2018, p19)

O IBGE (2011) informa que para os setores urbanos, foi coletado as informações do “Entorno” e que alguns setores censitários de aglomerados subnormais não foram coletados, contando com uma cobertura de mais de 96%. Os setores onde não houve coleta, das informações do entorno, são aqueles que nos arquivos entorno01, entorno02, entorno03, entorno04 e entorno05 estão apresentando valor zero para todas as informações (IBGE, 2011, p.29).

Já abaixo, na tabela 5, as proporções das variáveis possuem grandes disseminanças comparadas com as proporções da população dos setores da tabela 4.

Tabela 5 - Setores Censitários com menor Proporção Pretos/Pardos

Leg. Setor	Leg. Bairro	Bairro	Prop. Pret./ Pardos	Prop. Alfb	RNM até ½ Sal. Min. ou sem renda	Esgoto a céu aberto
V	14	Fião	1,01%	100%	22,70%	Não
W	3	Morro do Espelho	1,25%	97,47%	52,60%	Não
X	13	Centro	1,27%	99,39%	23,65%	Não
Y	13	Centro	1,32%	99,09%	20,43%	Não
Z	12	São José	1,39%	99,53%	24,64%	Não

Fonte: Autor com Base Censo IBGE (2010)

Tanto o setor Y quanto o X, possuem uma população residente com uma alta proporção de alfabetização, ambas com 99%, e uma proporção de RNM de 20,43% e 23,65% respectivamente, obtendo melhores proporções das variáveis para população dos setores da tabela 5 em relação aos setores da tabela 4 (p.52). Os setores Y e X tem uma baixa proporção de população residente preta/parda de apenas 1,32% e 1,27% respectivamente, indicando que existe uma relação quando a proporção de população preta/parda for menor, evidenciando que as proporções de RNM, alfabetização e esgoto a céu aberto serão favoráveis.

O setor W chama a atenção por ter uma população residente com uma alta proporção de 52,60% de RNM até meio salário-mínimo ou sem renda. Neste setor se localiza uma escola e uma casa geriátrica. Tornando provavelmente os pacientes desta casa a população residente do setor.

5.4 ÍNDICE DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

Para níveis de comparação e classificação da segregação socioespacial, foi determinado uma classe de valor (variável) para cada um dos intervalos de classes da RNM, Alfabetização e Esgoto a céu aberto. Para elaborar e estabelecer um índice de segregação socioespacial, para fins de correlação com a segregação racial. Após a soma das 3 classes de valor para os setores censitários selecionados, será dividido pelo número total de pesos, chegando ao resultado da média ponderada de um índice de segregação dos setores censitários. As variáveis dos intervalos de classes irão

possuir valores de 0 até 1, quanto mais perto de 0, será menor a segregação socioespacial e quanto mais perto de 1, maior será a segregação socioespacial.

Foi determinado que terão 5 intervalos de classes para RNM e Alfabetização, que serão convertidos para as variáveis determinadas de 0, 0,40, 0,70, 0,90 e 1, para fins de medição do índice de segregação socioespacial, havendo assim uma padronização de valores. O Esgoto a céu aberto terá apenas 3, com os valores 0 ou 1.

O cálculo usado para chegar ao resultado da média ponderada do índice de segregação socioespacial:

$\frac{(\text{Valor de RNM até } 1/2 \text{ sal.}) \cdot 2 + (\text{Valor Alfabetização}) + (\text{Valor de Esgoto a céu aberto})}{4 \text{ (Nº de pesos)}}$
--

5.4.1 Classe de Valor da Proporção (%) de RNM de até meio salário-mínimo ou sem renda

O mapa da proporção de RNM é dividido em 5 intervalo de classes, com seus respectivos valores (variáveis) ao lado. Cada intervalo de classe terá um valor determinado, como já mencionado. Na classe de RNM o valor terá peso 2 (dobro) em relação as outras classes (Alfabetização, Esgoto a céu aberto), pelo fato de a renda ser a maior diferença em proporção nos setores censitários entre as tabelas 4 e 5 (p.52, 53). Quanto maior a proporção de pessoas com RNM de até salário-mínimo ou sem renda, as variáveis padrão acompanham:

- 0% a 11% = 0
- 12% a 23% = 0,40
- 24% a 36% = 0,70
- 37% a 44% = 0,90
- 45% a 56% = 1

5.4.2 Classe de Valor Proporção (%) de Alfabetização

O mapa de taxa de alfabetização é dividido em 5 intervalos de classes, com seus respectivos valores ao lado. Cada intervalo de classe terá um valor determinado dentro da proporção estabelecida do setor censitário.

A proporção de alfabetização terá valores em ordem inversa ao de RNM. Enquanto o intervalo de classe aumenta sua proporção, os valores determinados irão diminuir. De 0% até 40% tem valor 1. A partir do segundo intervalo 41% até 74%, o valor é 0,90, respectivamente o terceiro intervalo e o quarto são 0,80 e 0,40, para chegarmos ao índice de segregação. De 97% até 100% por ser uma proporção alta o valor é 0.

- 0% a 50% = 1
- 51% a 74% = 0,90
- 75% a 91% = 0,70
- 92% a 96% = 0,40
- 97% a 100% = 0

5.4.3 Classe de Valor de Esgoto a céu aberto

O mapa de esgoto a céu aberto é classificado por atributo (SIM ou NÃO), “Com esgoto a céu aberto” ou “Sem esgoto a céu aberto”. Foi criada mais uma classe para o setor que possuir característica de aglomerado subnormal, a fim de classificação de média ponderada.

- Aglomerado subnormal = 1
- Com esgoto a céu aberto = 1
- Sem esgoto a céu aberto = 0

5.5 CORRELAÇÃO DA SEGREGAÇÃO RACIAL COM ÍNDICE DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

Após os cálculos feitos e a média ponderada do índice de segregação socioespacial definido para cada setor em análise, se obteve valores mínimos de 0,20 e máximo de 0,85. A classificação do Índice de Segregação Socioespacial dos 10 setores censitários analisados é apresentada abaixo na tabela 6:

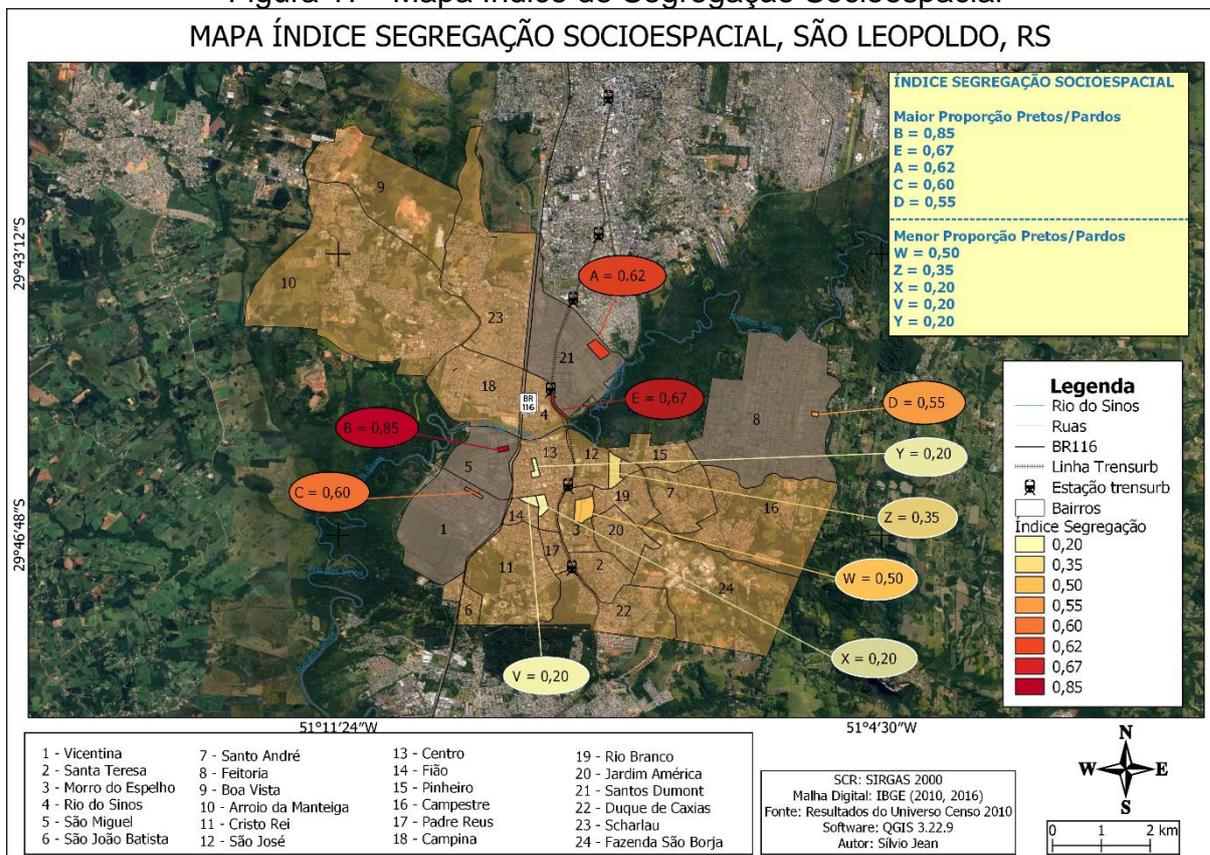
Tabela 6 - Índice Segregação Socioespacial

Leg. Setor	Leg. Bairro	Prop. Pretos/Pardos	Prop. Sem RNM até meio Sal. mín.		Prop. Alfabetização		Esgoto a céu aberto		Índice segregação socioespacial
B	5	42,94%	48,06%	1 x 2	93,33%	0,4	SIM	1	0,85
E	21	41,33%	55,12%	1 x 2	86,09%	0,7	NÃO	0	0,67
A	21	45,97%	43,77%	0,9 x 2	91,59%	0,7	NÃO	0	0,62
C	1	42,76%	45,48%	1 x 2	92,62%	0,4	NÃO	0	0,60
D	8	42,66%	40,19%	0,9 x 2	93,01%	0,4	NÃO	0	0,55
W	3	1,25%	52,60%	1 x 2	97,47%	0	NÃO	0	0,50
Z	12	1,39%	24,64%	0,7 x 2	99,53%	0	NÃO	0	0,35
X	13	1,27%	23,65%	0,4 x 2	99,39%	0	NÃO	0	0,20
V	14	1,01%	22,70%	0,4 x 2	100%	0	NÃO	0	0,20
Y	13	1,32%	20,43%	0,4 x 2	99,09%	0	NÃO	0	0,20

Fonte: Autor com Base Censo IBGE (2010)

A partir da elaboração da tabela 6, com a criação e classificação de um índice de segregação socioespacial, foi gerado um novo mapa (figura 18) para melhor visualização e correlação entre segregação racial e socioespacial na cidade de São Leopoldo:

Figura 17 - Mapa Índice de Segregação Socioespacial
 MAPA ÍNDICE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL, SÃO LEOPOLDO, RS



Fonte: Autor

Baseado no “Mapa Segregação Racial” figura 13 (p.47), a cidade de São Leopoldo onde foi criado e defendido um discurso de cidade de imigração e origem alemã, esquece, esconde e invisibiliza a presença negra, visto que a cidade não apenas tem população negra, como habita e está distribuída em partes periféricas na relação espacial do distanciamento do centro da cidade, havendo uma maior precariedade em termos de estrutura, serviços e confirmando uma segregação racial.

Com a análise das variáveis socioespaciais das tabelas 4 e 5 (p.52 e 53) e dos mapas de RNM na figura 14 (p. 49), alfabetização na figura 15 (p. 50) e esgoto a céu aberto na figura 16 (p. 51) é demonstrado que São Leopoldo possui uma segregação socioespacial, através do Índice de Segregação Socioespacial na tabela 6 (p. 56). A correlação dos 5 setores com maior proporção de pretos e pardos, ter o índice mais perto de 1, tem em consequência uma precariedade maior em infraestrutura e aglomerados subnormais. Já os 5 setores analisados com a menor proporção de pretos e

pardos possuem um índice mais perto de 0, demonstrando haver uma menor precariedade.

Relacionando o Mapa de Segregação Racial na figura 13 (p. 47), com a tabela 6 (p. 56) e o mapa de Índice de Segregação Socioespacial da figura 18 (p. 57), esta segregação racial, existente na cidade de São Leopoldo, é também socioespacial, havendo uma correlação entre as duas segregações, principalmente pelos setores B e Y onde os índices de segregação são 0,85 e 0,20 e suas proporções de pretos e pardos são 42,94% e 1,32%, respectivamente.

Os bairros Centro, Fião, Morro do Espelho e São José são os bairros centrais de São Leopoldo, evidentemente os mapas demonstram dentro destes espaços setores censitários com melhores proporções de renda, alfabetização e sem incidência de esgoto a céu aberto no entorno. Além de ter os melhores índices, possuem estruturas e habitações adequadas e a proporção de população preta e parda é extremamente baixa neles, chegando à proporção em alguns de apenas 1,01%, demonstrando assim uma segregação racial.

Esta segregação não aparece apenas como econômica, mas junto dela a proporção de educação medido através da alfabetização e o de saneamento, medido com o de esgoto a céu aberto. Não havendo espaço para a população excluída, ficando na informalidade, pois cada vez mais loteamentos irregulares são uma alternativa para população de baixa renda, já que é excluída do mercado de habitação legal devido ao preço da terra (GOMES e MELLO, 2021) e para Ferreira e Ratts (2016, p.101):

O Estado se torna um ator altamente relevante nesse processo de ordenamento espacial, sendo coagido pelas classes dominantes financiadas pelo capital. A diferenciação socioespacial, apoiada na desigualdade, caracteriza-se pelos contrastes sociais, pelos contextos de interação e reprodução dos espaços de riqueza e de pobreza que podem ser associados aos grupos raciais. Esse processo merece ser correlacionado à segregação socioespacial [...]

Os mapas explicitam com nitidez a situação da segregação e toda essa divisão da população não negra em relação a negra, que está presente em sua esmagadora proporção nas partes periféricas da cidade. Porém a população não negra, majoritariamente, tem sua maior proporção alocada nos bairros centrais e mais bem estruturados. Almeida (2019, p.34) afirma que:

O racismo articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas – bairros, guetos, bantustões, periferias etc. – e/ ou à definição de estabelecimentos comerciais e serviços públicos – como escolas e hospitais – como de frequência exclusiva para membros de determinados grupos raciais.

A estação Trensurb São Leopoldo, é localizada nas divisas entres os bairros Centro, Morro do Espelho e São José. São Leopoldo ainda possui mais duas estações Trensurb, estação Rio do Sinos e Unisinos, compensando um pouco a mobilidade urbana coletiva dos bairros mais precários. O Hospital Centenário, que é o hospital público da cidade, é alocado no bairro Fião, junto de outros serviços públicos, como Cartório e Delegacia de Polícia.

Esta exclusão racial e socioespacial é evidente e demonstra que além do negro estar invisibilizado, a lógica de um município germânico se desfaz e de fato precisa ser repensado no cenário de haver uma população étnico racial que está invisível e fora do discurso do progresso da cidade. A população vai além da região central e se distribui nas regiões periféricas, onde se enxerga a cidade de uma maneira mais superficial e rasa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um primeiro momento no projeto de pesquisa deste trabalho, foi um dos objetivos analisar as ações de resistências da população preta e parda existentes na cidade de São Leopoldo, que pelo fator tempo disponível não foi possível concretizar. A partir da experiência e vivência do autor como morador e natural da cidade, essas ações existem e fazem um trabalho social importante para a população negra da cidade. Ficam essas ações de resistência serem analisadas em um futuro trabalho acadêmico e novamente poder manter o total comprometimento social para com a população local, no intuito de superar essas segregações.

Essas ações de resistência podem além de subsidiar novos trabalhos e pesquisas, também instigar políticas públicas no sentido de romper e ir contra os resultados evidenciados neste trabalho de pesquisa. A relação entre a segregação racial e a socioespacial está lincada uma na outra na cidade berço da colonização alemã, essas ações de resistência também buscam o contrário desses fenômenos segregatórios, havendo uma relação entre pesquisas.

Pode brevemente se citar algumas ações, como a ONG Anastácia Omíria, que tem o compromisso com a igualdade racial, de monitorar políticas públicas, tanto de promover proposições de ações afirmativas voltadas para diminuição das desigualdades raciais, quanto de fiscalizá-las. A cidade de São Leopoldo também possui o Conselho Municipal de Promoção e Igualdade Racial (CMPRI), que foi implementado no ano de 2019, com a proposta de órgão público de desenvolver, propor estudos e políticas públicas para os afrodescendentes, na diminuição de discriminações que atingem a vida cultural, política e socioeconômica. E o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) da Unisinos, que articula e desenvolve a educação das relações étnico raciais, desenvolvendo com a comunidade interna e externa da universidade, onde atualmente trabalha com dois projetos sociais.

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, pode subsidiar não só novos trabalhos acadêmicos, mas também políticas públicas, podendo ser disponibilizado em cidades que possuem um conselho municipal de igualdade racial, sendo encaminhado para órgão municipais, prefeituras e até a própria Unisinos a fim de ser utilizado como instrumento de pesquisa. O trabalho recomenda e explicita que os governos concedam um apoio efetivo, financeiro e material, para população preta e

parda, usando mecanismos adequados na discussão e exercício das políticas públicas. O próprio racismo estrutura os moldes da sociedade, conseqüentemente culpa o povo por seu atraso social e disfarça as desigualdades raciais.

Apesar das dificuldades encontradas durante a pesquisa em um período pós-pandemia onde não se sabia ao certo o que viria pela frente, inclusive atrasando o Censo previsto para 2020. O rompimento do tendão do ombro que acabou por levar o autor para uma cirurgia, diminuindo o tempo de dedicação ao trabalho e demandou a uma série de sessões de fisioterapia e recuperação ainda em andamento. Os dados do IBGE que não são expostos por alguns motivos da política do instituto e trazem uma série de situações desgastantes no processo de levantamento de informações para confecção de tabelas e mapas. Todos esses acontecimentos trouxeram inúmeras dificuldades, mas também demonstram que foi feito todo o possível engrandecendo o trabalho, para que chegasse aos resultados e objetivos propostos desde o início do projeto.

O objetivo da pesquisa foi concluído com imensa dor e sofrimento, diante do que foi exposto, da gravidade dos fatos apresentados, evidenciados e escritos ao longo dos últimos meses. Com todas as informações levantadas e explicitadas nos mapas, demonstrando a segregação da população negra, que desde sempre foi invisibilizada, tratada na visão de subalternidade e serviçal a elite branca racista. Desmistificando a construção da narrativa de um município que é exclusivo dos germânicos, demonstrando que aqui existe, e sempre esteve presente na construção do espaço o povo negro, e o que lhe foi permitido é ocupar os espaços periféricos e precários em sua maioria.

A elite branca do país foi criada a partir do privilégio, apresentando desprezo pelo seu próprio povo. Não é novidade que nosso governo e a elite são racistas, extremamente indiferentes ao sofrimento de toda população, com uma grande subalternidade diante dos países colonizadores. Eles almejam e usufruem das injustiças sociais do povo, para garantia de seus privilégios e não possuem nenhum interesse em agir nas raízes dos problemas raciais e sociais, mantendo os pobres na ignorância e na desinformação, não garantindo alimentação, educação e moradia digna para população.

Se pode concluir que a segregação racial e socioespacial no “berço da colonização alemã” existe e está muito latente dentro do município de São Leopoldo. Esta

segregação não é exclusiva apenas de São Leopoldo, mas de todas as cidades, do nosso Brasil. A partir dos resultados apresentados, as segregações raciais e socioespaciais se interligam, tornando uma regra nos espaços da cidade, com o grande número de pessoas negras nas áreas periféricas, de menor valor e maior precariedade. É uma sociedade que tem no seu centro de importância interesses empresariais, não a população pobre e negra, não a nossa vida, não um equilíbrio harmônico da sociedade. O que interessa para eles é uma extrema exploração, sempre resultando em miséria, naturalizando a perversidade da sociedade racista e seus crimes sociais, onde a esmagadora maioria dos excluídos são invisíveis, mas possuem cor.

Enquanto a sociedade for mantida no privilégio e rotulada a partir do fenótipo, que a cor de sua pele valer mais que as condutas e ações, ela continuará criminosa e patrimonial. Essas expressões segregatícias físicas existentes e elucidadas nesta pesquisa, são o resultado de uma política de colonização feita no território brasileiro. Mantendo o enfoque socioespacial, nos permite entender as dimensões sociais presentes no município de São Leopoldo, a partir de fenômenos de urbanização, buscando assim a compreensão dos efeitos atuais segregatícios, que reproduzem desigualdades, miséria, tristeza e perversidade.

Pode ainda se afirmar, que diante de todos esses crimes constitucionais e da opressão do governo e da elite, as minorias, jamais irão se curvar as majorias, deixar de lutar pela dignidade e interesses de uma sociedade mais igualitária, reivindicando políticas públicas, oportunidades e igualdades de direito. Continuará sua resistência, combatendo e levantando a bandeira do povo negro, pois conforme Abdias Nascimento (2016, p.170) em seu livro “O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado”, “o silêncio equivaleria ao endosso e aprovação desse criminoso genocídio perpetrado com iniquidade e patológico sadismo contra a população afro-brasileira”.

7 REFERÊNCIAS

ALLGAYER, Eni. **Escravidão, negros e índios**: realidade, histórias e mitos. Porto Alegre: Editora Rígel, 2005

ALMEIDA, Sívio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BAKOS, Margaret Marchiori. **RS: Escravismo e Abolição**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1982.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Orgs.) **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2002, p. (25 – 58)

BONETTO, Helena. **A invisibilidade negra na cidade de Porto Alegre: uma pesquisa sobre imaginários urbanos**. 2018. 236 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/189048>>. Acesso em: 1 Julho. 2022

CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo à favela**: A produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 544 - 552, 1995. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Gênero-raça-e-ascensão-social.pdf>>. Acesso em: 14 julho. 2022

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

Casa do Imigrante: uma parte da história do Rio Grande do Sul em ruínas. **Jornal Zero Hora**, 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2019/03/casa-do-imigrante-uma-parte-da-historia-do-rio-grande-do-sul-em-ruinas-cjsw60gnd00k601ujdyg6bukl.html>>. Acesso em: 20 novembro. 2022

SANTOS, Diego Junior da Silva et al. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press Journal of Orthodontics**, v. 15, p. 121-124, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/dpjo/a/cpSn3rmDvrkMNTHj7bsPxgh/?format=html&lang=pt>>. Acesso em: 2 agosto. 2022

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: (o legado da “raça branca”). 5. ed. – São Paulo: Globo, 2008.

FERREIRA, Danilo Cardoso; RATTS, Alex. **Geografia da Diferença: Diferenciações Socioespaciais e Raciais**/GEOGRAPHY OF THE DIFFERENCE: SOCIO-SPATIAL AND RACIAL DIFFERENTIATIONS. **Revista GeoAmazônia**, v. 4, n. 07, p. 97-105, 2016.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest**: turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

GIRON, L. S.; RADÜNZ, R. **Invisíveis**: negros nas memórias dos brancos. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, [S. l.], v. 4, n. 7, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10471>. Acesso em: 1 agosto. 2022.

GOMES, Aramis Horvath; MELLO, Leonardo Freire de. **Racismo territorial**: o planejamento urbano tem um problema de raça? 1. ed. Jundiaí [SP]: Paco, 2021. Edição do Kindle.

GREGORY, Valdir. Imigração Alemã no Brasil. **Cadernos Adenauer**. Rio de Janeiro, Edição Especial – Relações Brasil-Alemanha, p. 9-28, Ano XIV, 2013. Disponível em: <<http://www.kas.de/wf/doc/11136-1442-5-30.pdf>> . Acesso em: 10 setembro. 2022

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, Raça e Democracia**. São Paulo: Editora 34, 2022.

HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010: **Resultados do Universo Agregados por Setor Censitário**. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2011. Revisão de 02/22/2013. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_do_Universo/Agregados_por_Setores_Censitarios/>. Acesso: 5 de agosto de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades: São Leopoldo. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-leopoldo/historico>>, acesso: 13 julho. 2022.

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

Mano a Mano: 2º temporada. Entrevistada: Sueli Carneiro. Entrevistador: Mano Brown. [S.l.]: Spotify, 26 maio. 2022. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrjmog0RkUnCPr?si=5b4456818cc94e98>>. Acesso em: 10 junho. 2022

MÜLLER, Telmo Lauro. **Imigração Alemã: sua presença no RS há 180 anos**. Porto Alegre: EST Edições, 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

NEGRI, Silvio Moisés. Segregação sócio-espacial: alguns conceitos e análises.

Coletâneas do Nosso Tempo, Rondonópolis - MT, v. VII, nº 8, p. 129 a 153, 2008. Disponível em: <periodicoscientificos.ufmt.br>. Acesso em: 13 julho. 2022

OLIVEN, Ruben George. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, I. B. (Org.). **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. p. 13-32.

NUNES, Margarete Fagundes, 2009, “**O Negro no Mundo Alemão**”: **Cidade, Memória e Ações Afirmativas no Tempo da Globalização**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, tese Doutorado

QGIS. (2022). QGis (Versão 3.22.9 Biatowieza) [Computer software]. Disponível em: https://www.qgis.org/pt_BR/site/forusers/download.html

Retratos: a revista do IBGE. **Moradas Aglomeradas**. Rio de Janeiro: nº 8, fev. 2018

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. **Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918)**. 2014. 312 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, História Social., Unicamp, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2014.928870> Acesso em: 15 julho. 2022

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2001

SANTOS, Renato Emerson dos. **Ensino de Geografia e Currículo: Questões a partir da lei 10.639. Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 34, 2015. Disponível em: <<https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/315>> Acesso em: 18 agosto. 2022.

SANTOS, Risomar A. D. Racismo, **Preconceito e discriminação: concepções de professores**.2007. 120 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo, São Paulo. 2007. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16266>>. Acesso em: 8 julho. 2022.

SAVIANI FILHO, Hermógenes. **O processo de colonização no Rio Grande do Sul: o caso de São Leopoldo no século XIX**. 2008. Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-graduação em Economia Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15634>> Acesso em: 11 Outubro. 2022

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. 2012. 122 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Psicologia Social, USP, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>>. Acesso em: 11 julho. 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. **Revista Psicologia Política**, v. 10, n. 19, p. 41-55, 2010. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4000283>>. Acesso em: 13 julho. 2022

SILVA, Leandro Alexandre da. **Paisagens silenciosas: a invisibilidade do negro em Cerro Largo (RS)**. 2017. Dissertação de mestrado apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas, - PPGDPP - da Universidade Federal da Fronteira Sul, Cerro Largo, RS, 2017. Disponível em: <rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1890/1/SILVA.pdf>. Acesso em: 5 junho. 2022

SOUZA, Jessé José Freire de. **Como o Racismo Criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

TRAMONTINI, Marcos J. A escravidão na colônia alemã (São Leopoldo—primeira metade do século XIX). **Primeiras Jornadas de História Regional Comparada—Rio Grande do Sul, Uruguay, Corrientes, Santa Fé, Entre Rios, Córdoba e Missions**, p. 1-17, 2000.). Disponível em: <http://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s5a3.pdf>. Acesso em: 17 agosto. 2022

VIEIRA, Daniele de Machado. **Territórios Negros em Porto Alegre (1800-1970):** geografia histórica da presença negra no espaço urbano. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/177570>. Acesso em: 8 julho. 2022.

WEBER, R. As comemorações da imigração no Rio Grande do Sul: o 25 de Julho, uma data e muitas histórias. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 5, n. 10, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10540>. Acesso em: 18 nov. 2022.

WEBER, R.; KUNZ, M. A. **De quem é a festa?** Diversidade étnica nas comemorações do 25 de Julho em São Leopoldo (RS). **História Oral**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 85–102, 2013. DOI: 10.51880/ho.v16i1.274. Disponível em: <https://revista.historia-oral.org.br/index.php/rho/article/view/274>. Acesso em: 18 nov. 2022.

ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 24, p. 563-578, 2012. Disponível em: [://www.scielo.br/j/fractal/a/Qnm4D67j4Ppzvtvz3tfb4kwx](http://www.scielo.br/j/fractal/a/Qnm4D67j4Ppzvtvz3tfb4kwx). Acesso em: 7 junho. 2022